

**ARY DE LIMA
ENCONTRA DEUS
NAS FLÔRES**



**PARANAGUÁ
— O PÓRTO
DO FUTURO**



**CASTELO
BRANCO
TEM NOVE Km²**



**VENDEMOS
MAIS...
PORQUE
"MANDAMOS"
NO NORTE
DO PARANÁ**

**— a região que mais
se desenvolve no país!**



A RPR - Rêde Paranaense de Rádio -
pela posição absoluta e indiscutível
primazia em audiência - garante
cobertura radiofônica total no Norte
do Paraná - a região mais rica
e próspera do Estado - assegurando
mais vendas aos seus anunciantes.

RÊDE PARANAENSE DE RÁDIO

CURITIBA	Rádio Guairacá	PARANAVAI	Rádio Emissora
CURITIBA	Rádio Cruzeiro do Sul	ARAPONGAS	Rádio Cultura
LONDRINA	Rádio Paiquerê	CORNÉLIO PROCÓPIO ..	Rádio Cruzeiro do Sul
LONDRINA	Rádio Cruzeiro do Sul	NOVA ESPERANÇA	Rádio Sociedade
MARINGÁ	Rádio Cultura	CRUZEIRO D'OESTE	Rádio Difusora
MARINGÁ	Rádio Jornal	UMUARAMA	Rádio Cultura
APUCARANA	Rádio Cultura		

Escritório Central
Curitiba

Rua Barão de Rio Branco, 167

Sucursais

São Paulo

Avenida Cásper Líbero, 58 - 16º - s/ 1606 — Telefone: 35-6621

Rio de Janeiro

Avenida Presidente Vargas, 392 - 3º - s/ 306 — Telefone 23-4586

Porto Alegre

Edifício Formac — 14º andar - Conjunto 144 — Telefone 9-1778



ANO VI — NDM. 6/12

PUBLICAÇÃO MENSAL

Propriedade da

EDITORA NORPARANA

Avenida Brasil, 3647 - conjunto 2

Caixa Postal, 247

MARINGÁ

Paraná

★
LONDRINA

Rua Sergipe, 454 - Fone, 1978

★
CURITIBA

Rua Voluntários da Pátria, 475

Edifício ASA - 15º Andar - Conj. 1503

Telefone: 4-9010 - Ramal 14

★
SÃO PAULO

Representante Yvanir Schindler Silva

Rua dos Narcisos, 184 - Telefone: 7-7655

★
VILA MARIANA

★
RIO DE JANEIRO

Rêde Paranaense de Rádio Ltda.

Av. Presidente Vargas, 392 - conj. 306

★
FONE, 23-4586

★
PORTO ALEGRE

Rêde Paranaense de Rádio Ltda.

Edifício Formac, 14º and., conj. 144

★
Diretor Responsável

ARISTEU BRANDESPIM

★
Diretor Secretário

ANTÔNIO AUGUSTO DE ASSIS

★
Assistente de Direção

ADHEMAR SCHIAVONE

★
Redator-Chefe: ENNIO MONÇÃO PIRES

★
Redatores: Adhemar Schiavone, Antônio Augusto de Assis, Bacilla Neto (política), Franklin Silva, J. A. Corrêa Jr., Pedro Ricardo Dória, Victor Celso Müller

★
Fotógrafos: Nelson Onuki, Edgar Taboianski, Brasilino Nelli, Jasson Figueiredo e Cleber Figueiredo

★
Colaboradores: Alceu Chicharro, Anibal B. da Rocha, Ary de Lima, Emílio Germani e Heilé Vellozo Fernandes

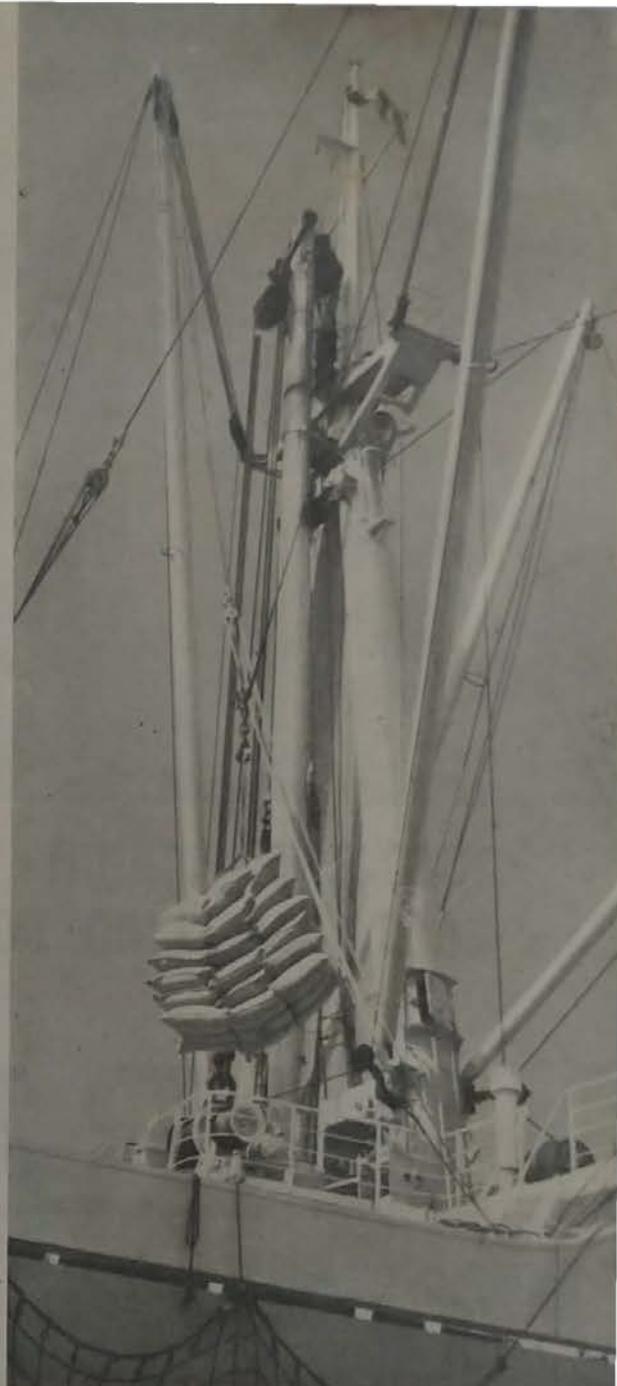
★
Ilustração: Mozart Zimmermann, Percy Rodrigues, Edgard Osterrouth

NOSSA CAPA

ENCONTRO COM O LEITOR

Neste último número do ano da graça de 1964, o último de uma heróica fase da sua NP, leitor amigo, você encontrará, como sempre, uma cobertura jornalística de assuntos os mais variados. Destacamos, entre eles, a reportagem sobre o Pôrto de Paranaguá, onde se demonstra a extraordinária importância daquela autarquia para a economia paranaense. A meta de um milhão de dólares de exportação por dia é o bastante para testemunhar o que foi a recuperação administrativa e financeira do principal escoaouro de nossos produtos. E a notícia sobre a criação do município de Castelo Branco, o mais novo do Paraná, mostra mais uma vez as possibilidades de desenvolvimento e expansão deste grande Estado. A reportagem sobre o mineiro Ary de Lima, vereador mais votado de Maringá nas últimas eleições e paranaense por amor e direito de conquista, pelo muito que tem feito pela região onde vive, é um incentivo à dedicação dos que trabalham pelo nosso progresso. E antes de encaminhá-lo às reportagens sobre a história do brasão de Maringá e outras, queremos, com os clássicos votos de felicidades, oferecer-lhe o nosso presente de

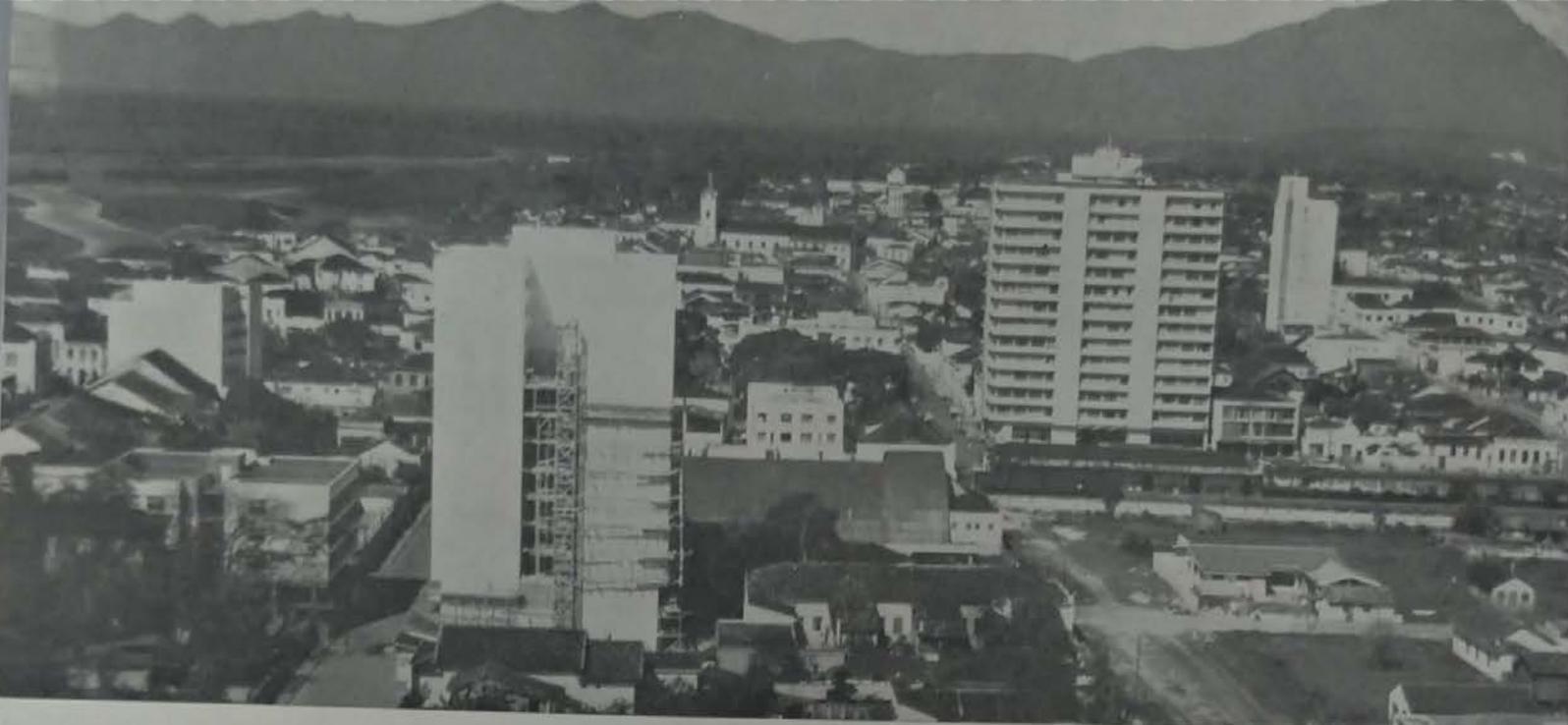
Ano Novo: a notícia de que em 1965 NP estará com roupagem nova, sofrendo total remodelação em todos os seus aspectos, modesta retribuição a esses seis anos de confiança, de prestigiamento, de fidelidade com que você, leitor amigo, nos conduziu até esta nova fase de nossa vida.



Nossa capa deste mês registra em foto de Carlos Petrachini, o casamento de Antônio Petrachini e Estelita Prado Rodrigues, realizado na Igreja Menino Jesus do Tucuruvi, em S. Paulo.

Sumário

PARANAGUÁ UNE O PARANÁ	2
FAGAN: OTIMISTA INVETERADO	7
JORGE AMADO	15
OS DITADORES DO SOCIETY	16
ARY DE LIMA	18
DESCOBRIMENTO DO NORTE DO PARANÁ	20
CASTELO BRANCO, NOVO MUNICÍPIO PARANAENSE	22
BRASÃO DE MARINGÁ	26
SANEPAR	30
A. A. DE ASSIS	32



**RAIO-X DO MAIOR
PÔRTO CAFEEIRO DO MUNDO**

O vertiginoso crescimento da cidade de Paranaguá é uma consequência do movimento do seu porto.

PARANAGUÁ UNE O PARANÁ

Vencendo dificuldades, Paranaguá ainda pôde, em 1964, contribuir com 300 milhões de dólares de divisas líquidas para os cofres da Nação.



PARANAGUÁ

1964 - UM ANO DE DURAS PROVAS

Paranaguá passou a ser, nos últimos anos o principal exportador de café do Brasil, ocupando o primeiro lugar entre os portos mundiais. Em 1964 ultrapassou a meta de um milhão de dólares por dia na exportação de produtos paranaenses.

No balanço de um ano que se finda — 1964, o maior saldo positivo apresentado pelo Pôrto de Paranaguá é o de ter promovido a verdadeira integração de um Estado.

Não se limitou à sua condição de «pôrto paranaense», foi além, dando condições para que os produtos exportáveis do Paraná convergissem a Paranaguá, impedindo que fôssem carreados para outros Estados.

O café do Norte, a madeira do Oeste e o mate do Sul têm hoje, verdadeiramente, o seu pôrto.

SOUBE VENCER

Foi o ano de 1964 um ano de importância na vida do Pôrto de Paranaguá. Vencendo dificuldades, mostrando que com tenacidade e dinamismo pode-se derrotar os pro-

blemas que afligem a maioria dos portos nacionais, o principal pôrto paranaense ainda pôde estender sua área de influência a outras regiões, como Goiás e Minas Gerais, que passaram a usar Paranaguá a

exemplo de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O sucesso disso tudo caberia a um homem — o engenheiro Arthur Miranda Ramos, mas ele prefere atribuí-lo como de responsabili-

SEGUE

de do desenvolvimento alcançado pelo Paraná na administração do governador Ney Braga.

O QUE SE FEZ

A reportagem de NP fez um rápido balanço do que foi Paranaguá em 1964, procurando revelar o trabalho desenvolvido por um dos mais importantes portos das Américas.

Quando realizávamos este trabalho, não se tinha em mãos o resultado das exportações de café por Paranaguá. É verdade que não foi superado o movimento registrado no ano anterior, quando mais de seis milhões de sacas foram embarcadas. Confiando na política cafeeira do presidente Castelo Branco, a Administração do Porto de Paranaguá sabe, porém, que esse volume não repetido em 1964 foi compensado pelo alto valor alcançado pelo café. Quatrocentos milhões de dólares foi a contribuição do Porto de Paranaguá.

Mais uma vez Paranaguá liderou as exportações de madeira. Apresentando o índice mais elevado na operação de embarque, que, segundo o *Loide Brasileiro*, é o de mais alta produtividade no Brasil, iniciou ainda a construção de um novo parque da madeira, modelo no País, com grandes armazéns abertos e de aluguel muito baixo — 60% do atualmente cobrado nos outros armazéns gerais do porto.

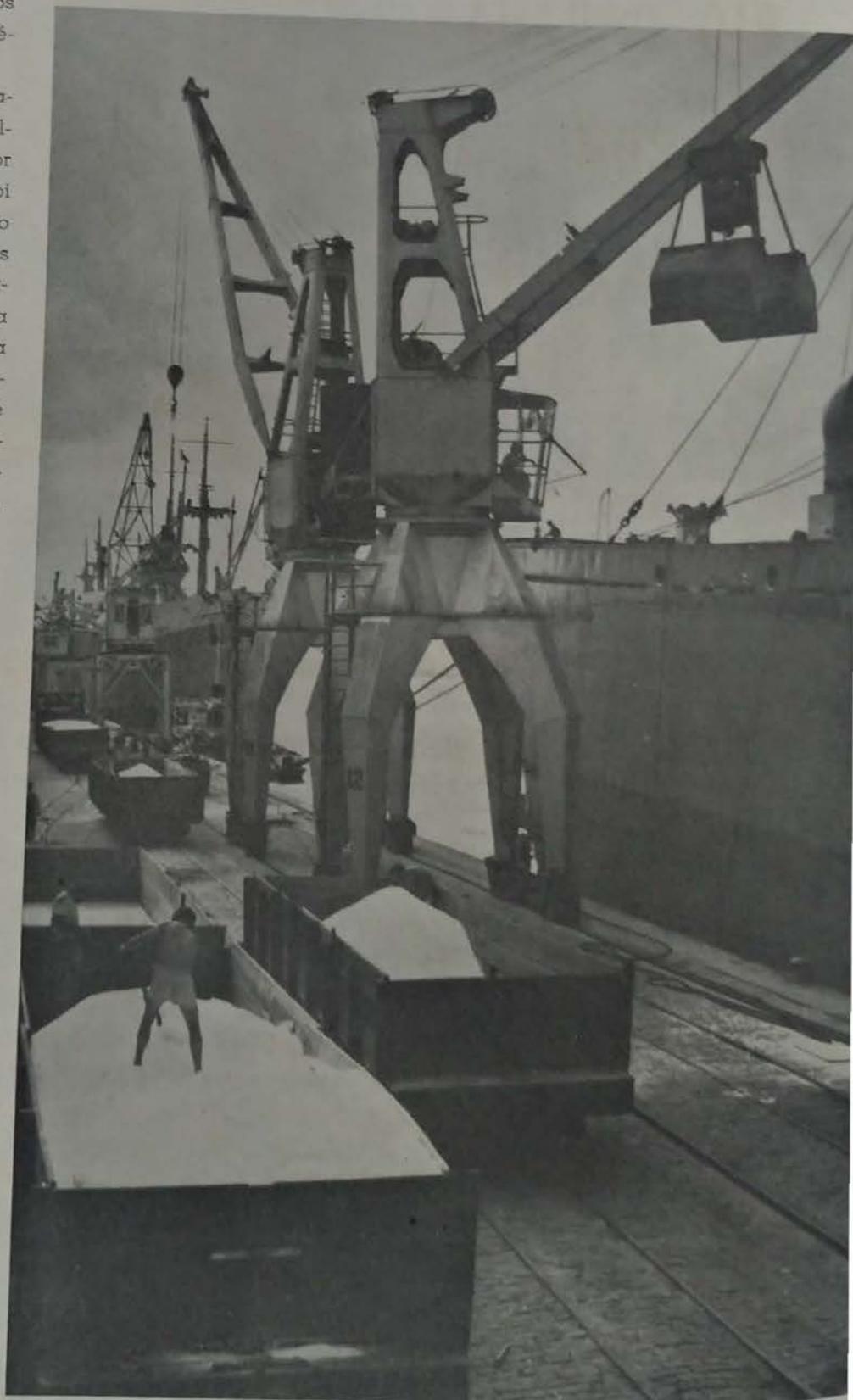
Deve-se frisar, que no tocante ao café, o índice de produtividade ainda não foi igualado por outro porto nacional: 40 toneladas por turno-hora.

A par desse movimento de mercadorias, superintendentes e técnicos estudavam novos projetos, visando dotar o porto de melhores condições, para atender ao número crescente de usuários, além da dragagem do Canal Sueste, para 10 metros, permitindo o acesso de na-

vios de grande calado, a APP deu início a diversos outros projetos, como a construção do silo para cereais, com capacidade estática de 30 mil toneladas, extensão do cais

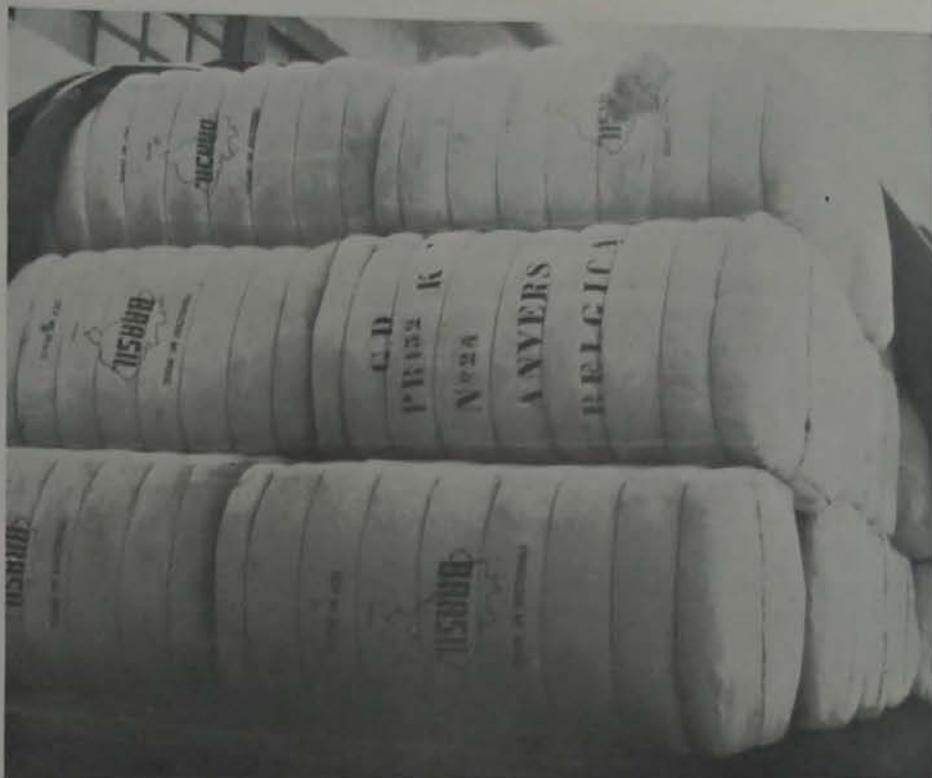
geral de cargas, reequipamento de máquinas operatrizes e de embarque de cereais, e outros empreendimentos, envolvendo bilhões de cruzeiros.

Equipado com os mais modernos recursos portuários, Paranaguá tornou-se, também, importante porto importador. Na foto, aspecto do primeiro desembarque de sal, da Alemanha para o Brasil.



PARANAGUÁ

RIO PARANÁ NO COMPLEXO PORTUÁRIO



Escoadouro da produção paranaense, Paranaguá encaminha mercadorias para todo o mundo. É o principal porto brasileiro na arrecadação de divisas líquidas para a economia nacional.

A Cidade de Paranaguá lembra o Norte no «Rush» envolvente para o Progresso

O SEU LUGAR

Principal porto cafeeiro do mundo e o segundo ancoradouro brasileiro em valor de mercadorias embarcadas, continua sendo, também, o que mais contribui com divisas líquidas para os cofres da Nação. Mais de um milhão de dólares por dia útil de trabalho. É essa a situação invejável do Porto de Paranaguá.

Seu superintendente, o engenheiro Arthur Miranda Ramos, assegura, contudo, que em 1965 novas posições serão galgadas. Com a transformação da autarquia em empresa de economia mista — Portos do

Paraná S.A. (PORTOPAR), incluindo, além de Paranaguá, Antonina, Guarqueçaba e Guaratuba, os portos fluviais de Foz do Iguaçu, Guaira e Mendes, no Rio Paraná, será dado grande avanço. A futura empresa terá maior flexibilidade administrativa e maior facilidade para obter e aplicar recursos.

Continuará promovendo a integração estadual, entrelaçando regiões até então separadas economicamente, fazendo com que a economia paranaense tenha portos à altura de seu desenvolvimento, e contribuindo para o progresso do país.

OTIMISMO

Poderia se dizer, por último, que em Paranaguá se vive um clima de otimismo. A cidade de Paranaguá está passando por uma fase de completa transformação. O progresso de seu porto teve reflexos imediatos na comunidade. Toda vez que se divisa um telhado novo de uma nova casa, convence-se que o Porto de Paranaguá finalmente, é parte integrante e impulsionadora do povo a que serve. Paranaguá assemelha-se, hoje, com as cidades do norte do Estado, no «rush» envolvente para o progresso.



Família Bradesco

Nada menos que cinco membros da família Persi pertencem ao quadro de funcionários do Banco Brasileiro de Descontos. Ao ensejo da transferência de Miguel Persi, ex-gerente da agência de Nova Esperança, Paraná, para igual posto na agência de Ribeirão Preto, em São Paulo, a família Persi reuniu-se como mostra a foto. De pé, da esquerda para a direita: Waldemar Persi, funcionário da Prefeitura de Nova Esperança; Miguel (gerente do Bradesco de Ribeirão Preto); Luiz Victório (corretor); José Lourival (gerente do Bradesco de Santa Amélia); Ricardo (gerente do Bradesco de Dourados, MT); Osvaldo (chefe de seção do Bradesco em Curitiba); Maria Aparecida (funcionária do Bradesco em Nova Esperança); Osmar e Walter (estudantes); sentados, os progenitores da numerosa família, Luiz Domênico Persi e Lúcia Victória Persi.

TRANSPORTE MAIS RÁPIDO ENTRE SÃO PAULO E NORTE DO PARANÁ — Confie suas cargas urgentes ao "TRANSPORTE RÁPIDO ANDRADE", recebendo suas mercadorias com garantia e rapidez. Com tarifas inferiores às aéreas e criteriosa observância de horários, parte de SÃO PAULO, diariamente, às 18 horas, passando na manhã seguinte pelas cidades de OURINHOS — CAMBARÁ — ANDARAÍ — BANDEIRANTES — SANTA MARIANA — CORNELIO PROCÓPIO — LONDRINA — CAMBÉ — ROLÂNDIA — ARAÇÓIAS — APUCARANA — JANDAIA DO SUL — MANDAGUAÍ — MARIALVA — MARINGÁ e vice-versa.



Empresa Transportadora ANDRADE Limitada

— SÍMBOLO DE GARANTIA E RAPIDEZ —

ESCRITÓRIO CENTRAL: RUA HENRIQUE DIAS, 67 — FONES: 93-6297 - 93-9884 - 93-2433 — SÃO PAULO

Honório Fagan

otimista inveterado



Na História política de Florai, surge um homem diferente — Honório Fagan — que evoluiu do zero ao infinito numa rápida jornada. Seu combustível: o otimismo. Sua bandeira: a Fé. Sua meta: vencer na vida e não permitir que ninguém se sinta pobre em seu redor. E agora, por acaso, êsse homem é Prefeito sem ser político. E tem um plano de ação que visa levar condições de progresso ao seu município e inaugurar uma era de felicidade para o seu povo.



FAMÍLIA QUE TRABALHA UNIDA — Permanece unida. São 12 os Fagan de Florai, o pai, a mãe e 10 filhos, todos felizes, tranquilos e prósperos, dirigindo, juntos, uma gigantesca fazenda de cafezais. São descendentes de Italianos, os pais e os filhos mais velhos nasceram no Estado de São Paulo e os quatro últimos são paranaenses da gema. Família encantadora, que agora irá dedicar-se à obra de consolidação do progresso de Florai.

Nossa reportagem, permanentemente interessada em mostrar ao Brasil a paisagem física e humana no norte do Paraná, passou por Florai no dia 14 de dezembro, data em que o prefeito João Marcos Vieira transmitia o comando do município ao seu sucessor Honório Fagan.

A cidade estava vestida de festa, o comércio fazendo feriado, escolares desfilando nas ruas, balisas, fanfarras, mças e rapazes enfileirados nas calçadas, intenso movimento de veículos. Tudo aquilo nos chamou a atenção e paramos para ver de que se tratava:

— Hoje é a posse do Fagan.

— E quem é êsse Fagan?

— Um homem de encantadora personalidade.

Nesse instante, justamente, passava numa camioneta, o sr. Honório Fagan, a quem abordamos para um rápido bate-papo:

— Somos da revista NP.

— Quanta honra! Então vocês vão ser os primeiros jornalistas a escreverem sobre minha pessoa. Vamos até minha fazenda.

SEGUE



ESTA É IRENE — Um sorriso de dezesseis anos, que ajuda a sra. D. Adelina a administrar a casa. Está estudando e dentro de pouco tempo será professora. Irene dedica uma ternura toda especial aos seus irmãozinhos menores.

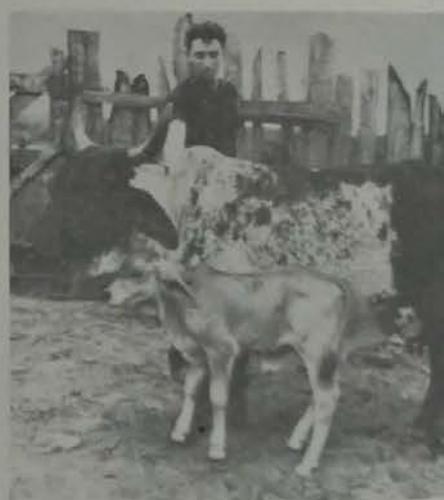
PARANAENSE — Ivone, com 11 anos, foi a primeira paranaense da família. Faz parte da primeira geração floriense e é uma linda mocinha, estudiosa e de alegre palestra. Olhos meigos, jeitinho de inteligente, transmite uma simpatia singular.

A ROBUSTA — Dira, das meninas a mais nova, tem jeito de boneca, sorrindo sempre. Rostinho meigo, olhos grandes e muito vivos, é a alegria da casa. Já está estudando e, pelo que pudemos observar, deve ser uma das melhores alunas de sua escola.



MILHO VERDE — “Este aqui — diz o jovem Lauro Fagan — está bom para fazer curau”. Mas era um milharal imenso, que servirá de alimento para muitos brasileiros. A terra é de uma fertilidade impressionante e as lavouras são fartas e ricas.

NA MOITA DE ARROZ — Um companheiro que não conhecia o norte do Paraná e que tomava parte na reportagem estranhou que se pudesse plantar arroz no seco. No entanto, nesta região, isso é fato comum e aqui está uma amostra nas mãos de Marino Fagan.



NEM SÓ DE CAFÉ VIVEM OS FAGAN

Também existe um pouco de gado em sua fazenda. Esta vaquinha, por exemplo, que tem o nome de “Nauca” e que é a mascote do rebanho, dá 12 litros de leite por dia. Aliás, ali também se planta trigo e o pão que se come na casa dos Fagan é feito desse trigo, produção própria.

VISITA A FAZENDA

Aceitamos imediatamente o convite e em quinze minutos estávamos no coração de uma das mais belas propriedades rurais da região: 273 alqueires de terras bem cultivadas, abrangendo parte do município de São Jorge e parte do município de Floral. São quatro fazendas reunidas em uma só: Santa Fé, Primavera, Boa Esperança e Boa Sorte. Na propriedade, vivem 54 famílias de colonos, numa perfeita democracia. Os meeiros têm 50% da produção de café, com direito a explorar outras lavouras. Não há pobres na fazenda de Honório Fagan e seus colonos têm ampla liberdade de religião, política e tudo o mais. Os contratos de meeiros são feitos por quatro anos, mas há alguns que estão ali há mais de 12 anos. Muitos possuem sítios próprios, casas na cidade e todo o conforto.

VIDA EMPOLGANTE

Quisemos saber como Honório Fagan pôde formar tamanho patrimônio. E foi ele mesmo que nos contou sua história:

— Sou filho de imigrantes italianos que vieram para o Brasil por volta de 1888. Nasci no dia 20 de abril de 1915 e fui criado naquele ambiente de trabalho e dificuldade que os imigrantes enfrentavam. Em 1938, casei-me com Adelina Nani, de ascendência italo-francesa. Comecei minha vida a zero grau, como colono de café. Fervia, porém, no meu peito, a vontade e a determinação de fazer-me independente. E depois de um ano, comprei minha primeira propriedade agrícola, tinha empregados, colonos, e cada ano comprava novas terras. Trabalhava quase por dois, com chuva ou com sol, na luta pela conquista de meus ideais. No prazo de quatro anos, ultrapassei em fortuna meu próprio pai e meu sogro. Essa jornada vitoriosa iniciou-se na localidade de Avencas, comarca de Marília, no Estado de São Paulo. Entrei para o comércio ainda no Estado de São Paulo (Universo, município de Tupã), no ano de 1944, atividade que exerci durante quatro anos, adquirindo sólida experiência comercial. Vendi o estabelecimento em 1947, transferindo-me para outra cidade paulista — Oswaldo Cruz, onde permaneci durante aproximadamente cinco anos, dedicando-me a uma pequena indústria frigorífica, alcançando o mesmo sucesso das atividades anteriores.

NORTE DO PARANÁ

Acontece que a família de Honório Fagan estava crescendo e ele sentiu necessidade de procurar instalar-se numa região mais progressista, onde pudesse oferecer grandes horizontes aos seus filhos. Em companhia de um irmão, que era seu sócio, percorreu Estados do Sul e do Centro, indo até à Argentina.

Durante essas andanças, ouviu dizer do progresso do norte do Paraná, veio ver de perto, gostou e comprou 100 alqueires de mata virgem. Em seguida, adquiriu um terreno de um alqueire e montou serraria e uma casa de comércio, em sociedade com o sr. José Ciollin. Estava, porém, enfadado de comércio e indústria, desfez a sociedade e fixou-se na fazenda que já estava em formação. Era o ano de 1955 e já tinha oito filhos. Nessa época, houve a grande geada, queimando seus imensos cafezais. Mas nem assim Honório Fagan desanimou. Sua fé em Deus e seu otimismo incorrigível mantiveram seu entusiasmo e o homem começou tudo de novo e venceu.

Hoje, dono de 273 alqueires, onde estão plantados cerca de 400 mil cafeeiros, prevê, para o próximo ano, uma safra de 25 mil sacas de café em côco.

Está construindo na sede uma casa no valor de 15 milhões e já recusou, recentemente, pelas propriedades, um bilhão de cruzeiros: diz que suas terras não têm preço.



OURO (VERDE) PARA O BEM DO BRASIL — Aqui está um dos 400 mil cafeeiros de Honório Fagan. É fácil de adivinhar, pela carga, que a safra do próximo ano será qualquer coisa fabulosa e Dante nos mostra, com orgulho, os grãos verdes do verdadeiro ouro que faz a grandeza do Brasil.



TAL PAI TAL FILHOS — Dante, Marino, Cláudio e Lauro, entre o milho e o café, caminham pelo carreador da esperança, conduzindo o mesmo otimismo de seu pai. São quatro moços dinâmicos, simples, idealistas do trabalho e perfeitamente cômicos de que têm a responsabilidade de zelar pelo grande patrimônio da família. Sabem das lutas que Honório enfrentou para formar esse patrimônio e, embora milionários, amam a terra e se orgulham de serem lavradores.



QUATRO SORRISOS — Ivone, Diva e os dois gêmeos Milton e Wilton. Todos na escola, porque seu pai não pôde estudar, mas faz questão de ilustrar os filhos. Foi para garantir-lhes um futuro sem problemas que Honório trabalhou tanto durante toda a sua vida.

SEGUE

O HOMEM HONÓRIO FAGAN

Logo à primeira vista, percebe-se que se trata de um homem puro, de sentimentos profundamente cristãos. Humano, idealista, gosta de praticar o bem e não mede sacrifícios quando se trata de promover a felicidade das pessoas que o cercam. Transmite otimismo e esperança toda vez que fala. É religioso, congregado mariano, nunca teve escola mas tem a mania de ler e lê tudo o que encontra, jornais, revistas, livros, tendo por isso mesmo adquirido conhecimentos gerais que fazem sua palestra culta, agradável e útil.

Não sabe ficar parado. Pela fortuna que possui, poderia levar uma vida calma, sem preocupações, passeando por esse mundo afora. Entretanto, ama exageradamente o trabalho e não sossega se não estiver fazendo alguma coisa.

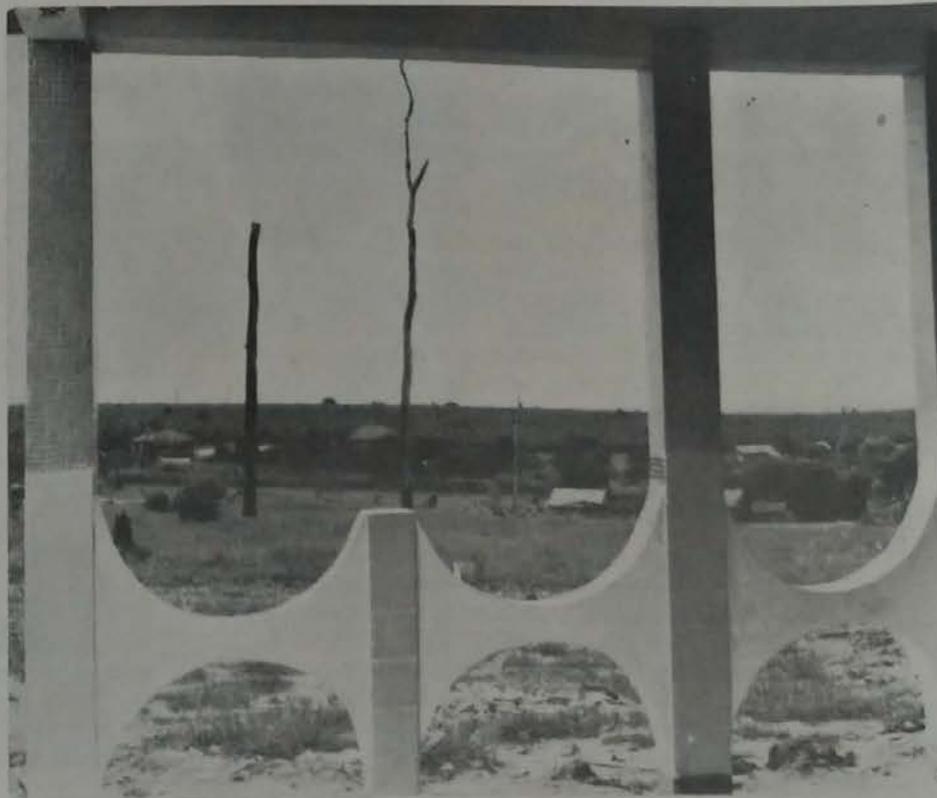


É UMA UVA! — E que uva! No pomar dos Fagan, uma parreira imensa produz uvas deliciosas. Não sabemos, aliás, o que é que não se produz ali. Vimos café, milho, feijão, mandioca, arroz, amendoim, mamona, soja, uva, tudo, enfim, que se pode cultivar numa fazenda onde cada metro de terra tem uma finalidade útil.



PALACETE EM CONSTRUÇÃO — A família Fagan resolveu morar melhor e está construindo, na sede da fazenda, um palacete que impressiona sob todos os sentidos. Casa grande para família grande. Em redor, haverá jardins e lagos. No fundo, uma piscina. E já está sendo estudada a montagem de uma pequena usina hidrelétrica para iluminar não só essa bela residência mas também as casas das 54 famílias de colonos. Honório costuma dizer que o conforto faz o homem trabalhar com mais entusiasmo.

Honório têm um "quê" de admiração pelo povo norte-americano. Talvez por isso, esteja dando à sua fazenda um estilo próprio das propriedades rurais dos Estados Unidos, tanto na organização social do trabalho de seus meeiros como no aspecto geral da fazenda. É um modelo de propriedade moderna, que merece a atenção, inclusive, dos estudiosos da sociologia rural.



A política, em sua vida, foi um acidente. Começou quando seus amigos insistiram em elegê-lo vereador e Honório, sem pedir voto a ninguém e mesmo pedindo aos amigos que votassem em outros candidatos, foi eleito suplente de vereador em Florai.

Achou-se, por isso, obrigado a dar sua contribuição e sentiu pela primeira vez despertar seu sentimento com relação à política nacional quando Jango Goulart investia contra as tradições brasileiras com a ameaça comunista. Foi assim que no dia 15 de março de 1964, duas semanas antes da revolução, Honório Fagan escreveu uma carta corajosa, da qual enviou cópias aos governadores Ney Braga, Carlos Lacerda e Adhemar de Barros. Eis o conteúdo:

"O amor pátrio me fez sentir o profundo desejo de enquadrar-me no sagrado exército da salvação nacional. Com toda atenção acompanho a marcha dos acontecimentos e constato que urge, como nunca, a união de todos os partidos do centro e da direita, formando uma frente de salvação contra o bolchevismo galopante. Já que todos os partidos do centro e da direita pouco se diferem nos seus alicerces, torna-se imperiosa essa santa aliança. Se permanecermos desunidos, seremos inexoravelmente liquidados.

"Vamos deixar o amor próprio. Vamos construir uma fortaleza. Vamos salvar a nossa Pátria. Vamos fazer as reformas sem o câncer comunista. Que o espírito de Deus criador esteja conosco para iluminar a vossa alta sabedoria!"

OLHANDO O INFINITO — Honório Fagan, que veio do zero, tem agora a enorme felicidade de oferecer aos seus filhos uma paisagem do infinito. Toda a família, através de suas diversas gerações, irá beneficiar-se da maravilhosa árvore que aquele homem cultivou em seus longos anos de trabalho. Valeu a pena lutar.

CACHOS DE OURO — Quando a gente fala, por aí agora, que o norte do Paraná é a maior fonte de riquezas do País, alguns dizem que somos prosas. Pois vejam aí a prova, neste cafeeiro fabuloso de Honório Fagan. São verdadeiros cachos de ouro, que irão para as tulhas, depois para os portos e dos portos para o mundo inteiro, transformando-se em dólares que enriquecerão o Brasil.

O TERREIRO DA FARTURA — Aqui se estenderão, no próximo ano, 25 mil sacas de café. O terreiro, em suas férias de entre-safra, permanece vazio e silencioso. Dentro de mais alguns meses, dezenas de homens estarão trazendo da lavoura a grande colheita. E o terreiro será palco de uma festa em homenagem à fartura.

PARCEIROS FELIZES — Dizem que Honório Fagan não gosta de pobres. Não gosta mesmo. E é por isso que, ao contratar com um colono, dá-lhe 50% da colheita de café e ainda o autoriza a cultivar outras lavouras à vontade. Ninguém é pobre em sua fazenda e alguns meeiros já têm sítios próprios e casa na cidade. As casas da colônia, próximas à tulha, formam uma vila alegre, que daqui a pouco terá até luz elétrica.



DO NADA AO TUDO — Um homem que, em 1938, para dar início a sua vida, precisou comprar fiado 120 mil réis de mercadorias, é hoje proprietário de 273 alqueires de terras, que abrangem parte de dois municípios. E quando a reportagem perguntou-lhe como conseguiu tamanho êxito, respondeu com sua simpática naturalidade: “Descobri que a melhor receita para ficar rico é considerar a honestidade como espécie de religião, pois dêsse modo consegue-se crédito em tôda parte e, mesmo que estejamos atravessando uma fase difícil, nunca falta quem nos ajude a triunfar”.



PROCURA-SE UM PREFEITO — Os partidos se reuniram para descobrir um candidato ideal para enfrentar Osvaldo Silva, considerado invencível e já lançado pelo PSP. Depois de muitas pesquisas, ficou decidido que um único homem poderia enfrentar aquela disputa. E João Marcos Vieira foi buscar Honório Fagan no sossêgo de sua fazenda, levando-o, depois de muita insistência, à praça pública. Honório acabou entusiasmando-se e venceu a eleição por larga margem de votos.

CANDIDATO A PREFEITO

Aproximava-se a época das eleições em Florai e não surgia um nome capaz de enfrentar Osvaldo Silva, candidato já lançado pelo PSP e que já fôra prefeito do município. Os dirigentes dos demais partidos — PDC, UDN e PTB — reuniram-se para discutir o assunto e resolveram buscar Honório Fagan na tranqüilidade de sua fazenda, para disputar aquelas eleições.

Honório não queria aceitar de maneira nenhuma. A insistência, porém, foi tamanha que acabou concordando e arregaçou as mangas para entrar na luta. Foi logo apoiado pela elite de Florai: agricultores, comerciantes, bancários, enfim por tôdas as pessoas de bem, principalmente pelos cristãos de tôdas as seitas. Como congregado mariano, era uma bandeira garantindo a felicidade futura do município.

Veio o pleito e a vitória. Dos 2.200 eleitores que votaram em 6 de dezembro, Honório Fagan obteve 1.244 votos, enquanto seu vice-prefeito José F. de Almeida venceu também, com um total de 1.227 sufrágios.



A MESA SOLENE — No clube local, diante de um público que vibrava, compôs-se a mesa para dar posse aos eleitos em 6 de dezembro. A Câmara de Vereadores ficou constituída dos seguintes membros: PDC — João Marcos Vieira, Joaquim Morotti e Júlio Contin; PTB — João Marques, Victor Augusto Chauvin e Durval Bergo; PSP — Afrânio Nunes dos Reis, José Carvalho Penha e Deoclésio Sebastião de Carvalho.



José Francisco de Almeida, comerciante, formou chapa com Honório Fagan e foi escolhido para o cargo de vice-prefeito do município de Florai.



ENTUSIASMO POPULAR — No auditório do Clube Recreativo de Florai, a população local reuniu-se para assistir à posse de seus novos dirigentes. Notava-se que o povo estava feliz pela vitória de seus candidatos e confiante em um futuro de glórias para o município.



JURAMENTO — O sr. Júlio Contin prestando seu juramento ao tomar posse do cargo de vereador, eleito pela legenda do PDC. Logo em seguida, seus pares o escolhiam para a presidência do Legislativo Municipal.



DIA DE FESTA — O dia 14 de dezembro foi de festa em Florai. Inclusive a juventude estudantil veio às ruas desfilar em homenagem aos novos componentes do governo municipal, como que demonstrando, com sua presença engalanada, a esperança que as novas gerações depositam no rápido progresso de sua cidade e no bom êxito de seus governantes.



TRANSMISSÃO DE CARGO — O sr. Honório Fagan é rigoroso e organizado em tudo o que faz. Para tanto, ao receber das mãos de seu antecessor o cargo de prefeito, fêz questão de examinar cuidadosamente todos os relatórios, trabalho que só concluiu às duas horas da madrugada seguinte.

SEGUE

PLANO DE AÇÃO

O novo prefeito de Florai confessa não ter ambições políticas. Deseja apenas empenhar-se integralmente no exercício do cargo que o povo lhe confiou, marcando seu mandato por uma atuação que se caracterize pelo progresso, honestidade, moralidade e patriotismo.

Com ajuda do Governo do Estado, pretende dar a Florai farta energia elétrica, esperando para isso que a Copel cumpra o plano prometido para 1965; conseguir uma rede telefônica mais ampla e moderna; instalar rede de esgotos e galerias para escoamento das águas pluviais; ampliação do sistema escolar; criação de um centro de saúde pública; instalação de um pequeno albergue, para o qual já destinou seus subsídios de prefeito; asfaltamento das ruas principais; melhoramento da praça de esportes e do jardim público; apoio decidido para a construção da nova Igreja Matriz; construção de pontes e conservação das estradas municipais, que cobrirá de cascalhos.

Acha que terá apoio da Câmara em todos os seus planos, uma vez que fez maioria na Casa: 3 vereadores do PDC e três do PTB, contra 3 da oposição formada pelo PSP.

OTIMISTA INVETERADO

O próprio Honório Fagan se considera um otimista inveterado, que consegue tudo o que quer, porque luta com fé e entusiasmo, nunca se deixando envolver pelo desânimo. A vida, para ele, é uma vitória constante e tudo isso faz desse homem extraordinário um prefeito que poderá fazer de Florai uma das mais pujantes e mais felizes comunidades do norte do Paraná.

Seu grande otimismo há-de contagiar o povo e assim, juntos, o poder público e a iniciativa privada estarão empreendendo uma arrojada investida progressista que ficará na história da região.



PREFEITO PRA VALER — O novo prefeito de Florai não brinca em serviço. É homem realizado na vida, dedicando-se agora, inteiramente, ao trabalho em favor de seu município. Chega à Prefeitura às 7 horas da manhã.



A PRIMEIRA AUDIÊNCIA — Florai, como todos os municípios, luta com enorme dificuldade no setor de ensino, que é, justamente, o que exige mais atenção do administrador público. A primeira audiência dada pelo prefeito Honório Fagan foi a uma professora municipal, que se queixava de atraso de pagamento. A resposta foi um sorriso transmissor de otimismo e a promessa de que, daqui para a frente, esses problemas, aos poucos, serão solucionados. A professorinha saiu feliz. Entre a professora e o prefeito aparece o sr. Paschoal Façion pioneiro da eletricidade em Florai.

ADMIRADOR DOS ESTADOS UNIDOS

O prefeito Honório Fagan, à certa altura, referiu-se aos Estados Unidos, dizendo-se grande admirador daquela grande nação do Norte, de seu povo e de seus dirigentes:

— Só não compreendo que o Brasil,

quase da mesma idade dos Estados Unidos, não tenha ainda atingido o mesmo grau de cultura e desenvolvimento. É por isso que insisto em dar aos meus munícipes um exemplo de patriotismo, a fim de mostrar que, se todos trabalharmos juntos e com entusiasmo, chegaremos a uma situação privilegiada dentro das Américas.



COMO É FLORAI — Ao iniciar seu terceiro quadriênio de vida autônoma, o município de Florai prevê, para o exercício de 1965, uma arrecadação de 46 milhões, com uma despesa orçamentária de 42 milhões. A produção de café, no município, para a safra 64/65 é calculada em 600 mil sacas em côco. Grande produção, também, de arroz, feijão, soja, amendoim e algodão, contando, além disso, com uma pecuária já bem desenvolvida. A cidade apresenta aspecto agradável e está preparada para receber uma arrancada mais definitiva do progresso. Nesse ponto, Honório Fagan acredita que realizará uma obra gigantesca, em relação aos recursos de que disporá. Pretende trazer melhor energia, melhor rede telefônica, esgotos, galerias para águas pluviais, ajardinamento, pavimentação das ruas centrais e uma série de outros melhoramentos indispensáveis a uma cidade cujo povo merece conforto e ambiente propício ao progresso.

JORGE AMADO

Com este trabalho sobre o grande romancista Jorge Amado, glória da literatura brasileira, estamos iniciando a publicação de alguns capítulos do livro «Vultos Inconfundíveis», a sair dentro em breve, de autoria do jornalista Ennio Monção Pires. — N R



Romancista Jorge Amado

Fôrça impressionante da literatura brasileira, ficcionista dos maiores em tôdas as literaturas, estupendo criador de personagens, assombroso estruturador de histórias: Jorge Amado.

Extraordinário, este baiano, em nosso cenário intelectual, tão grande, e tão profundamente natural e humano, que, mercê do sentido teúrico de sua arte literária, de há muito saiu dos limites nacionais para situar-se no plano mundial.

Romancista nato, ficcionista naturalíssimo, criador inigualável, escritor, na espécie, de uma faculdade concepitiva jamais vista, entre nós, o autor de "Jubiabá" não se prendeu a quaisquer escolas, não se afez, não se atrelou a nenhum método, a influência alguma. Substancialmente, caracteristicamente, é ele mesmo, inconfundível, Jorge Amado.

Original, éle próprio, inimitável, em toda a sua obra, o magnífico autor de "Capitães da Areia", "Gabriela, Cravo e Canela", "Os Velhos Marinheiros", e outras maravilhosas afirmações de seu excepcional talento criador. Pode-se-lhe descobrir irregularidades sintáticas, derrapagens vocabulares, senões vernaculares, equívocos tais como: "Mesmo se tivesse de matar-se e matá-la depois", ocorrido à página 308 de "Os Velhos Marinheiros". — mas não há quem sequer se lhe aproxime no apresentar tipos, no descrever situações, no fixar diálogos, no focalizar cenários. A criatura humana, mergulhada na sua miséria, na sua dor, no seu desespero, nas suas decepções, e no seu amor e nas suas paixões, apresenta-se, através da imaginação e da concepção de Jorge Amado, dentro de proporções universalmente grandiosas.

Ficcionista típico, fundamentalmente brasileiro e ao mesmo tempo de todos os quadrantes do mundo, e trazendo, num transporte cósmico, para os seus livros, em toda a portentosidade de sua imaginativa, e em condições muitas vezes brutais, mas sempre e extremamente naturais, a realidade do que vê, observa, vive e sente, de sofrimento, de angústia, de dramático e de ridículo, principalmente de ridículo, Jorge Amado, como romancista, não imita, está dentro de si mesmo, é todo inteligência, consciência e originalidade. Não aprendeu a romancear: nasceu, já, numa explosão da natureza, substancialmente romancista. Segundo, aliás, mestre Grieco, "Jorge Amado, em especial, assestou-se quase sem aprendizagem da técnica do romance. Nêle, os fatos aderem uns aos outros sem difusão ou dispersão de detalhes, sem naufrágio em cenas abstratas. Em três recortes de tesoura, ali está o boneco humanizado, vivo, vivíssimo diante de nós."

Ainda segundo o grande crítico: "Mesmo quando éle (Jorge Amado) erra como prosador, acerta como poeta." Também poeta, indiscutivelmente, o criador da estonteante e imortal mulata Gabriela. Muitas de suas páginas de prosa, pelo lirismo que as caracteriza, pela forma com que o autor no-las oferece, e por seu sentido de humanidade, são poemas — e que poemas! — que poucos, raríssimos poetas poderão conceber.

Um tanto irregular na sua estilística, infenso a gramatiquês, e acima de tudo narrador, sem complicações linguísticas, pois que faz narrativas para tôdas as camadas do povo, para tôdas as inteligências, éle próprio deita esta definição, a certa altura, em seu último livro, "Os Pastores da Noite" (história, com pequenas variações, toda transcorrida na sua querida Cidade de Salvador da Bahia): "Afim! não somos clássicos nem temos responsabilidades maiores para com a pureza e elegância da língua. Apenas desejamos contar a história e louvar quem mereça ser louvado. Aliás, para não esquecer ninguém, o melhor é louvar a uns e outros, a todos sem exceção."

Impressionante e encantadora a sinceridade de Jorge Amado, que, ainda impúbere, com "O País do Carnaval", já se afirmava, já se impunha como dos nossos maiores romancistas. Ninguém, culto ou de mediana e mesmo mediocre cultura, e até semi-alfabetizado, o desconhece, no Brasil e, talvez, no mundo inteiro, pois que suas obras foram verdadeiras para nada menos de trinta idiomas, até agora. Trata-se do escritor brasileiro mais traduzido em todo o mundo. Perso-

nalíssimo, único, certamente, entre nós, à sua maneira, no terreno da ficção, e romancista brasileiro, com os seus motivos, com os aspectos e caracteres de seus personagens e suas histórias, já universalizado, dele diz, em notável estudo biográfico, Miécio Tati: "Porque retrata as particularidades da vida de seu povo e fala a êsses sentimentos que todo mundo entende e a todo mundo interessam — por isto é que Jorge Amado é lido e compreendido, aqui, como em qualquer canto: é um escritor brasileiro, profundamente brasileiro, que se fez universal, profundamente universal."

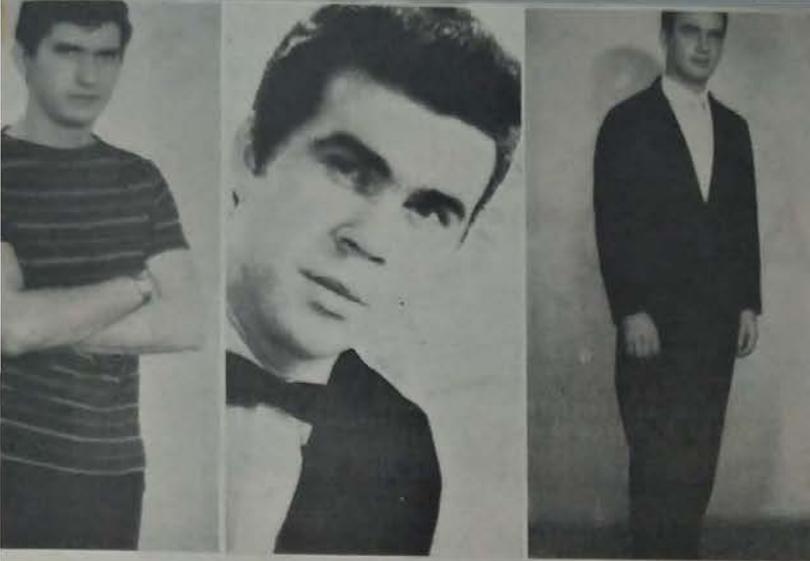
Tão grande é a expressão, nacional e mundial, de Jorge Amado, que o crítico e ensaísta Antônio Cândido, reconhecendo-lhe poesia na prosa ímpar, assim se expressou, no livro "Brigada Ligeira": "Como a sombra no poema de Victor Hugo, a poesia do sr. Jorge Amado alarga até às estrelas o gesto do trabalhador brasileiro." — "O sr. Jorge Amado tem o estôfo de um inspirado. Uma vez sob a influência de um choque emocional, o seu impulso lírico solta o voo e arrasta a realidade concreta do detalhe documentário, sobre o qual pretende se basear, para um clima de exaltação poética, em que se perfaz uma das obras ("Terras do Sem Fim") mas ricas de nossa literatura." Roger Bastide, por sua vez, assim se pronunciou: "Jorge Amado descobriu as leis do verdadeiro romance poético", isto também com referência a "Terras do Sem Fim".

Tristão de Athayde, de seu lado, e com a imensa autoridade de crítico de que é portador, referindo-se à grande criação jorgeamadesca que é Gabriela, exprime, assim, sua opinião: "... uma personagem que de ora avante fará parte da galeria das nossas melhores criações estéticas." — "Posso discordar, como discordo, radicalmente, da moralidade do livro ou da filosofia da vida que éle reflete, sem por isso deixar de saudá-lo ("Gabriela, Cravo e Canela") como uma grande obra de arte, cheia de vida, de verdade e de beleza."

Além de mundialmente traduzido, e transportado, através de suas obras, em magistrais adaptações, para o cinema, rádio, teatro e televisão, Jorge Amado abrilhanta, com a sua prestigiosíssima presença, a gloriosa Casa de Machado de Assis. Em acontecimento memorabilíssimo, foi integrado, não faz muito, instilando-lhe sangue dos mais vigorosos, nos quadros da Academia Brasileira de Letras. Não se estagnou, por isso, nas glórias dessa Casa literária, o soberbo criador do assombroso Quincas Berro Dágua! deu-nos, recentemente, as páginas movimentadíssimas e fascinantemente líricas de "Os Pastores da Noite", com esplêndidos personagens como estes: cabo Martim, negro Massu, Curió, Jesulno Galo Doido, Otália, Tibéria, Cravo na Lapela, Ipicilone, entre outros, a se movimentarem na "casa das meninas", nos candomblés, no batizado do filho de Massu, no morro do Mata Gato, entre as quatrocentas (imaginárias) mulatas do Pé-de-Vento, e noutros cenários e situações, daquela Bahia extraordinária, que só podem surgir da imaginação e do incomparável poder criador de Jorge Amado, o mesmo que nos oferece, em "Os Velhos Marinheiros", aquele adorável salafraíto, aquele inimitável e incrível vigarista, de uma boa sorte inimaginável, inclusive no jôgo e no meio de saías, assim como naquela espantosa amarração de seu navio no pórtico de Belém do Pará, do "capitão de longo curso". Comandante Vasco Moscoso de Aragão: uma, com Antônio Balduino, Berro Dágua, entre outras, realmente inconfundíveis, das maiores criações de Jorge Amado.

Em "30 Anos de Literatura" fixada está, integral e magnífica, através de depoimentos de homens de imprensa, de grandes escritores, e de pensadores, mesmo, do Brasil e do estrangeiro, a vida literária, gloriosamente marcante, no decorrer de três décadas, do escritor Jorge Amado. É uma homenagem ao admirável ficcionista do seu editor, José de Barros Martins.

No cenário da cultura brasileira e mundial, entre o que há de melhor: no tocante à intelectualidade de todos os países, constitui um grandioso exemplo a vida, a ação, a obra do autor do "ABC de Castro Alves".



Todo mundo os conhece em Maringá. Muita gente na região. E seus nomes já chegaram bem mais longe, através das colunas que assinam nos três jornais maringãenses: O Jornal, Fôlha do Norte e A Tribuna.

Onde quer que aconteça uma festa: baile, casamento, aniversário, ali estarão eles, indefectivelmente, com a sua caderneta, anotando detalhes e presenças, para divulgarem no dia seguinte.

Dizem que são fofoqueiros. As vezes são. Mas é preciso que sejam, porque isso faz parte da arte. Há quem zombe deles; entretanto os meninos prosseguem, porque um colunista social não tem complexos e leva a vida com alegria, com elegância, superpondo-se às críticas e achando até muita graça daqueles que fazem ondas a seu respeito. São uns filósofos felizes, que passam muito bem e geralmente recebem mais agradados do que se pode imaginar.

Um dia, por exemplo, Frank Silva conversava em Londrina com Paulo Pimentel. Chegou uma loirinha bonita, nem ligou para o Pimentel e pediu o autógrafo do Frank.

Pimentel sorriu. E Frank tirou uma bruta onda de bacana.

GRANADO, BRONCAS E BAIANOS

Vamos conversar com os rapazes, um por um. Começemos por Pedro Granado Martinez, garotão de 1,80, cabelo bossa, tipo galã de cinema francês embora digam que pareça com Tony Perkins. Deixemos que ele mesmo diga sua ficha e sua história:

— Fumo cigarros Hollywood há 10 anos. Já experimentei o tal Minister mas não me adaptei. Nasci em Penápolis, terra paulista. Criei-me e passei a infância (se é que tive) em Tupã, terra dos índios Tamoyos. Nasci num dia engraçado: 24 de fevereiro de 1940. Portanto sou muito novinho para o casamento. Iniciei meus modestos escritos no "O Jornal de Maringá", naquele bom tempo do Cacique-Gaúcho; foi uma ripada no Governo do Estado em virtude de o mesmo ter abandonado a construção do Grupo Escolar Oswaldo Cruz. Ali só existia um matagal e um monte de tijolos. Logo após a obra se fez e está lá até hoje. Moro na modesta rua Floriano Peixoto nº 947, desde quando cheguei a Maringá. Mas minha inauguração como comentarista de sociedade aconteceu quando o Grémio dos Comerciantes estava em evidência e eu fazia uma coluna só do Grémio no "O Jornal".

BRONCA COM O SCHIAVONE — Foi nesse tempo — prossegue Pedro — que arrumei minha primeira briga social: Adhemar Schiavone, coqueluche da época, colunista social de A Tribuna, começou a perturbar-me porque eu havia barrado sua entrada na portaria do Grémio, porque ele não quis — por birra — apresentar as credenciais do jornal. Depois disso, entrei em tantas outras "frias" que já até perdi a conta.

PRÉSO POR JP — Há uma bronca interessante na vida do Granado. Ele vai contar:

— Já estive na cadeia (como préso). Quero dizer: não cheguei a entrar por trás das grades. Apenas na delegacia. E quem mandou prender-me foi S. Exa. o Dr. João Paulino Vieira Filho. E que, fazendo gentileza a duas curitibanas, num dia de lama, subi com meu antigo Dauphine na calçada dos Correios e Telégrafos. Foi um bafafá danado. Mas o Borbinha intercedeu e tudo acabou bem. O pior é que o prefeito prendeu-me pensando que era o Schiavone.

BAIANADA — Mas a encrenca mais famosa do nosso inquieto colunista é esta que ele nos relata em seguida:

— Considero a maior "fria" do mundo aquela dos baianos. Fui à Bahia e, de volta, escrevi minha opinião, que não foi das mais elogiosas. No dia seguinte o negócio ficou preto. Baianos queriam fazer minha pele na rua. Telefonemas anônimos aos montes: uns ameaçavam-me de linchamento. Poucos me apoiavam, a não ser os colegas de imprensa (nem todos, porque um deles, por sinal meu amigo, não se pel por que cargas d'água, queria ver-me na fogueira). Mas Deus está vendendo tudo! Mandei desligar o telefone lá de casa, pois ameaçavam inclusive minha mãe. A "Fôlha do Norte" foi quem colaborou mais: publicou meia dúzia de artigos, uns brandos, outros

duros, escritos por baianos bairristas que se julgaram ultrajados e maltratados pela minha opinião. Mas os dias se passaram e já voltei às pazes com os baianos, em companhia dos quais tenho comido muito vatapá e bebido o gostoso licor de jerimum.

CHEFE DE FAMILIA — Vejamos outro lado da vida desse moço inteligente e cheio de personalidade. Conte para nós, Pedrinho:

— Perdi meu pai há dois anos. Foi então que senti a responsabilidade de um chefe de família. Sou contador de profissão e sempre trabalhei na Transparaná, onde hoje ocupo o cargo de chefe de escritório (procurador). Estudo na Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Maringá (2º ano). Escrevo em jornal há 7 anos. Graças ao jornalismo e à Transparaná, modéstia à parte, galguei uma posição até mais ou menos de destaque na cidade, possibilitando-me muitas regalias que poucos têm.

— Você não pretende entrar na política, perguntamos. E ele respondeu:

— Três chefes partidários de Maringá convidaram-me a ser candidato no último pleito. Não aceitei porque, você sabe, trabalho o dia inteiro, na hora do almoço escrevo para o jornal e à noite estou na Faculdade. Não entraria em política para apenas beneficiar-me dela. Posso ser útil à coletividade através de outros meios ao meu alcance.

SUJEITO METIDO — Pedro Granado Martinez acha que muita gente o considera antipático e o chama de "sujeito metido", mas acrescenta que os que o conhecem intimamente não pensam assim. Nós o conhecemos há longo tempo, fizemos jornal juntos, freqüentamos juntos muitas festas... naquele bom tempo, é claro. Pedro é um bom, que tem cara de esnobe mas que é mais simples do que muita gente que o critica.

VARIAS OPINIÕES — Vejamos o que esse "sujeito metido" acha de certa gente importante:

— Brigitte Bardot é uma festa para os olhos. Como artista é falhuta. Elvis Presley canta bem quando canta músicas sérias. Sinatra é ótimo. Agnaldo Rayol também é. Cronin escreve bem. Victor Hugo, na ficção, é incomparável. Gosto dos livros de José de Alencar. Kennedy foi uma figura que jamais será esquecida. Coitinho o Brasil quase todo. Gosto da Bahia...

A. A. de Assis escreve sobre Granado, Frank e Divanir

OS DITADORES

— Problemas sentimentais? Planos de casamento?...
— Recuso-me a falar deles. Isso é coisa que não se publica. Nem interessa aos leitores.

— Desculpa para evitar "galho" no futuro?
— Talvez... mas não "enche", Assis.

Pedrinho deu "tchau", entrou na Rural e saiu ligeiro, porque estava na hora de uma "pedida importante". As vezes anda de Gordini azulão, seu outro carro. Mas já o temos visto até de trator no centro da cidade. Para ele não há problema. Começou no O Jornal, depois esteve muito tempo em A Tribuna, voltou para o O Jornal. E tem programa no rádio. Como é que ele arranja tempo para tudo isso, não sabemos. Colunista social está em todas...

FRANK DESEJA SER DIPLOMATA

Vamos agora conversar com Frank Silva, moço de 23 anos, nascido em Limeira (SP), num dia 25 de junho, hoje seriamente preocupado em controlar a alimentação para evitar excesso de gordura. De qualquer forma, é um tipo bem apanhado, que anda por aí exibindo uma elegância britânica e atraindo as meninas, embora (digo ou não digo)... Bem, deixemos isso pra lá, que colunista social não gosta de publicidade em torno de seus compromissos de interesse do coração.

CONTABILISTA — Frank Silva é técnico em contabilidade, formado pelo Colégio Marista de Maringá. Atualmente, prepara-se para o vestibular de Direito. Trabalha em investimento e faz jornalismo de society para a FOLHA DO NORTE DO PARANÁ, para a Rádio Difusora e assina reportagens elegantes nesta revista.

COMO COMEÇOU — Parece-me que foi em 1956 ou 7. Frank, ginasião ainda, magrela, topete atrevido, foi à Rádio Cultura e disse que gostaria de fazer o Carnet Social daquela emissora. Obteve o que queria e logo estava concorrendo com Pedro Granado e Adhemar

Schiavone, dois nomes já famosos na época, dentro da fofocagem do jornalismo de society. O menino tocou os peitos e venceu. Pode-se dizer que venceu sozinho, por seus próprios esforços, demonstrando uma extraordinária capacidade de conseguir tudo o que queria. Tímido no início, acabou perdendo o embarço e dominando a situação. Quando surgiu a FOLHA DO NORTE, já ele tinha o nome feito e daí para a frente, assinando uma excelente coluna naquele jornal, conquistou Maringá, conquistou o Paraná e já tem projeção inclusive fora do Estado.

O GRANDE SONHO — E olhem que se trata de um sonho bastante ousado. É ele mesmo quem diz:

— O maior desejo que tenho é o de formar-me em diplomacia. Trabalho feito um louco para conseguir alguma coisa, fazer minha independência e ser um troço na vida. Tenho uma desesperada vontade de evoluir. Venho do nada, quero chegar ao tudo.

A MAIOR EMOÇÃO — Aliás, colunista social é meio insensível às emoções, porque elas se sucedem com tanta frequência em sua vida, que se tornam monótonas. Frank, entretanto, confessa:

— Poderia citar como um dos maiores instantes de minha vida aquele que aconteceu em Poços de Caldas, onde, durante uma festa da "embaixatriz do turismo", fui recebido com aplausos ao me apresentarem como "um dos mais brilhantes colunistas sociais do Paraná". De certo, achei aquilo exagerado, mas aproveitei para tirar uma ondinha de bacana. A maior emoção, porém, foi quando estreei na TV-Coroados de Londrina.

DESEJO GOZADO — Esses rapazes que reportam o society costumam ter umas idéias engraçadas. Vejam bem esta do Frank:

— O maior prazer da minha vida será comprar um Impala último tipo, desfilar pela avenida Brasil e dar uma trombada no Gordini do Granado, nem que seja uma trombada simbólica, só pra humilhar e depois ainda tirar uma nota comprida e insultá-lo: "Tome, vá consertar esse negócio!"

— Você tem birra contra o Granado?

— Que nada! Ele é um dos meus maiores amigos, mas você já pensou que legal seria uma trombada assim?... Principalmente se, no dia seguinte, os jornais derem a notícia.

S DO SOCIETY

PREFERÊNCIAS — Frank Silva fuma "minister". Vai muito ao cinema, pegando, porém, o filme sempre pela metade. Diz que dançar foi uma das coisas mais simpáticas que o homem já inventou. Gosta de poesia de Augusto dos Anjos e de J. G. de Araújo Jorge. Aprecia também Fagundes Varela e sabe de cor o "Cântico do Calvário", desde o tempo de ginásio. Acha Cauby um bom cantor, apesar de tudo o que falam dele. Ray Charles e Pepino de Capri são fabulosos. Mas ouve Chopin quando sente necessidade de tranquilizar os nervos; diz que foi receita médica. Afirma que a mulher ideal é aquela que tem personalidade e cultura, para poder sair-se bem em qualquer ambiente, e que seja também simpática e bonita, sem ser sofisticada. Foi convidado para entrar na política, mas achou que ainda era muito cedo. Conhece uma boa parte do Brasil e vive cantando as belezas de Foz do Iguaçu. Quando fôr possível, pretende conhecer Nova Iorque e Las Vegas. Jura que, até 1980, Maringá vai passar Londrina em todos os sentidos. E acrescenta que não o diz por bairrismo, porém por sentir isso através de uma observação realística.

CASAMENTO — A gente sempre gosta de saber o que é que os colunistas sociais pensam do casamento. Lá vai a opinião franca do Frank:

— Encaro o casamento como uma necessidade moral, social e cristã. Irei casar-me assim que me estabilize economicamente. Quero que meus filhos cresçam num ambiente de segurança e felicidade.

— Alguém à vista?

— Chlil... e depois dizem que sou eu o fofoqueiro... Que é mais que você quer saber? Se já tive sarampo? Tive. Catapora? Também.

— Que é que você acha da sociedade em Maringá?

— Muito evoluída, apesar da falta de classe de alguns novoricos. Isso, porém, é natural numa cidade nova como a nossa. É

um fenômeno de todo o norte do Paraná. É preciso, no entanto, reconhecer que os clubes são ótimos, os diretores muito cavalheiros e as programações excelentes. Em Maringá e Londrina, particularmente, temos uma sociedade superior à de muitas capitais.

— E o que mais?

— Chega. Converse agora com o Divanir, que tem mais paciência para aturar o seu indiscreto interrogatório.

DIVANIR GOSTA DE MORENA DE OLHOS ESCUROS

Dizem que neste fabuloso norte do Paraná existem pessoas de toda parte, inclusive do Paraná. Divanir Braz Palma é um paranãense de Londrina, onde nasceu no dia 28 de setembro de 1943. É descendente de mineiros pelo lado materno e tem ascendência fluminense pelo lado paterno. Seu pai nasceu em Cordeiro, pertinho de minha São Fidélis.

Divanir mora em Maringá há 17 anos, trabalha em negócios de investimentos junto com Frank Silva e faz coluna para A Tribuna de Maringá. Bem cotado na sociedade, agrada principalmente as garotas, com a sua pinta de Tony Curtis e aquela simpatia toda especial que Deus lhe deu como instrumento para vencer na vida.

CARREIRA — Divanir está cursando a Faculdade de Direito de Presidente Prudente. Afirma que se especializará em causas criminais para exercer advocacia no norte do Paraná. Mas não pretende deixar o jornalismo, que faz por esporte e para desembaraçar-se no trato do idioma. Diz ele que a obrigação de escrever sua coluna para um público selecionado, fá-lo sentir-se forçado a estudar mais e aperfeiçoar o estilo e a gramática. "O jornalismo — explica — é uma escola maravilhosa".

— Política?

— Só depois que me formar...

CASAMENTO — Para ele, a mulher ideal precisa ser morena de olhos escuros, cabelos longos e negros, alta, esbelta, grau de cultura mais ou menos elevado, delicada, meiga, simples, compreensiva, sobretudo que não seja autoritária, embora tenha personalidade. Diz que tem vocação para o casamento e que constituirá seu lar assim que as coisas melhorarem. Não quero ser linguarudo, porém me parece que, na verdade, esse casamento acontecerá daqui a três anos, depois que uma certa morena de olhos escuros terminar os estudos... Mas deixemos isso pra lá.

SOCIEDADE — Eis uma opinião do nosso Divanir: "A sociedade norte-paranáense caminha no mesmo ritmo do progresso da região: é moderna, elegante, sofisticada. Falta apenas destacar menos a condição econômica das pessoas e destacar mais as qualidades morais e intelectuais.

SAO THOMAZ — De repente, o rapaz interrompe para dizer que, no jornalismo, não pretende ser eternamente colunista-social: "Desejo, mais tarde, realizar muitas reportagens que visem colaborar na solução dos problemas do povo. Acho que seja possível melhorar o nível de vida dos homens, embora, como São Thomaz de Aquino, eu creia que, no mundo, existirá sempre a desigualdade. Mas podemos conseguir uma situação que deixe de haver pessoas que não tenham o que comer, o que vestir, onde aprender e onde dormir.

FICHA GERAL — Vamos resumir Divanir Braz Palma, suas idéias, suas opiniões, suas preferências, em poucas palavras: É Católico, vai à Missa todos os domingos, faz a Páscoa todos os anos. Em matéria de automóvel, gosta mesmo é do "Buque", que considera mais prático e mais sóbrio. Fuma cigarros "Minister". Lê sempre e prefere Victor Hugo, Dante e Jorge Amado. Na poesia, gosta de Castro Alves e Araújo Jorge. Diz que Cauby Peixoto seria um dos maiores cantores do mundo se tivesse uma personalidade mais firme. Gosta de Miltoninho, Dalva de Oliveira e aprecia muito a graça de Rita Pavone. Nas horas calmas, ouve clássicos. Não gosta muito de cinema. Dançar, ele diz que é sempre bom. Conhece várias capitais, mas "o Rio de Janeiro é sempre o Rio de Janeiro sem igual". Se puder irá um dia conhecer Paris. Afirma que Maringá e Londrina serão eternamente paralelas em seu progresso: ambas colossais. Assegura que Ibrahim é, ainda, o melhor colunista-social do Brasil: pelo menos é o mais bem informado.

— Qual a maior emoção de sua vida?

— O simples fato de viver no norte do Paraná já é uma emoção permanente.

Divanir não é de muita conversa. Fala pouco e pensa muito. Não aprendeu ainda a fazer pose. Costuma dizer que "os que se exaltam serão humilhados e os humildes serão exaltados". Fala baixo, tem os olhos tranqüilos, que se semi-fermam quando ele sorri. E o sorriso é, néle, uma constante natural porque nunca encontrei Divanir de mau-humor. É sempre a mesma coisa: bom, humano, sincero, cavalheiro, exageradamente gentil. Um menino que vai crescer na vida, porque tem tudo para isso.

E aí estão, leitores, os "ditadores do society" do norte do Paraná. Estimulem esses moços, porque eles são puros, inteligentes e sem complexos. Animam a vida. Movimentam a sociedade. Escrevem a história do cotidiano em uma região que vibra sob o impulso alucinante do progresso.



FILOSOFANDO — “Encontro Deus em cada particularidade das minhas plantas, em cada pétala das minhas flores, em cada estrela do céu”, diz o poeta, filosofando entre as folhagens, alheio a tudo em torno.

A FAMÍLIA — Esse impressionante Ary de Lima, professor, poeta, jornalista e agora o vereador mais votado de Maringá, é sobretudo poeta, que até para nascer escolheu um recanto lírico da cidade mineira de São Sebastião do Paraíso — a *Chácara das Magnólias*. Como se não bastasse nascer num “Paraíso”, o destino achou de fazer seu berço enfeitado de “magnólias”...

Seu pai, João Emydio de Lima, capitão da Velha Guarda Nacional, era desses homens entusiasmados pelo que há de belo na vida e freqüentava serões literários. Dona Maria Alcina, mãe de Ary, gostava de flores e sua casa era uma espécie de ilha cercada de jardins por todos os lados. Quatro filhos: Temístocles, que hoje vive em Brasília, é mestre em ciências, conhecendo todos os segredos da electricidade e da física, mas nas horas vagas permanece boêmio; José Emydio, poliglota, mora em Belo Horizonte, é um dos mais renomados professores de Português em Minas Gerais e prestou 38 anos de serviço ao seu Estado como professor e Inspetor de Ensino; Ely, residente em Utinga — SP, é pensador, poeta, artista da trova e diz-se que é mais poeta até do que Ary, o mais irrequieto dos irmãos.

A INFÂNCIA — Ary de Lima — quase nos esqueçamos de dizer — nasceu num dia de Cosmos e Damião, 27 de setembro de 1914. Diz ele que nasceu tão explosivamente que provocou a guerra de 14-18, mas isso é mais um de seus exageros...

Entrou no Grupo Escolar e, com 8 anos, ainda levava palmatórias de sua primeira professora, D. Leopoldina, porque não sabia dizer “Quarenta e quatro”. Dizia “talenta-tato”...

Foi um incorrigível ladrão de frutas da chácara do Dr. Placido Briagão, médico benemérito de Paraíso. E não deixava em paz as castanhas do ministro da Igreja Presbiteriana, dr. Eduardo Lane.

Distribuiu programas de cinema para entrar de graça e se vestia de cowboy para anunciar as fitas de faroeste, com um funil de gramofone na boca.

Foi, em suma, um guri levado da breca, embora pobre. Nunca teve Papai Noel.

NO GINÁSIO — Matriculou-se no Ginásio Paraisense e sempre figurou no quadro de honra. Ótimo aluno, embora continuasse alvoroçado. Nessa época, andou fazendo uns comícios em porta de circo para obter descontos no ingresso. E foi quando enfrentou pela primeira vez a polícia. Mas que conseguiu o desconto, isso conseguiu.

Nunca foi bom no futebol, mas foi campeão em salto de vara, graças talvez às suas pernas compridas.

Terminou o ginásio com 16 anos e já era famoso como poeta.

A JUVENTUDE — Esta a sua fase mais movimentada. Auge da vibração de moço. Ele ia contando que nessa ocasião começou a namorar aquela que viria a ser sua esposa — Dona Helena. Ia dizer que foi um namorado muito fiel, quando a própria Dona Helena pediu aparte para dizer:

— Durante os seis anos de nosso namoro, ele teve mais uma porção de namoradas. Foi o conquistador mais famoso da freqüência...

Cossa muito natural. Jovem, esbelto, autor dos versos que andavam de boca em boca na cidade, moreno desempenado e bem falante, não poderia ser de outra forma. Tanto que, mais tarde, criou juízo, com 18 anos já era professor e aos 21 anos casava-se com Dona Helena, para trazer ao mundo quatro filhos: Maria Arlene, Paulo Rubens, João Gualberto e César Augusto e já ser, hoje, o carinhoso vovô de Marcos Daniel, Jônatas, Ary Neto e Priscila, seus chodás.

IMPRESSA — Ary de Lima começou a escrever no jornalzinho estudantil do Ginásio Paraisense; publicava crônicas e poemas e revelava uma natural vocação para a imprensa. Foi redator-chefe do “Cruzeiro do Sul”, de sua cidade, no tempo da ditadura, ocasião em que se viu em palpos de aranha, fagado pelo DIP, através do então Tenente Dilermano Silva, do Destacamento de Mumbinho. Esse tenente, que chegou a major, foi chefe do gabinete militar de Juscelino. A impicância do DIP contra Ary nasceu do fato de o arrojado jornalista andar descendo à riba na turma de então dominante e até mesmo no poder judiciário.

“A Época”, “O Liberal”, são jornais que também publicaram artigos seus. Em 1952 fundou “O Paraisense”, que deixou em 1953, quando se transferiu para Maringá.

Em tudo o que escreveu, deixou a marca vibrante de seu espírito, caracterizando-se particularmente por uma constante luta em favor das liberdades humanas.

O POETA — Esse homem, como dissemos, nasceu poeta em casa de poetas e em momento algum sua vida deixou de envolver-se em poesia.

Tem uma preferência especial pelo lirismo caboclo e foi escrevendo versos irmãos de Catuto que chegou a ocupar lugar de des-

Ary de Lima nasceu poeta em Minas, dono de um gênio que varia por todos os instrumentos, de acôrdo com a ocasião, a circunstância, e provocação.

Caboclo da gama, é violão antes de tudo, em permanente serenata à natureza.

Caboclo de cultura, evolui a violino, quando o momento é de luxo. E se faz sublime, suave, envolvente.

Caboclo vibrante, faz-se piano em tom de Chopin revolucionário, quando se esquentar. E replica a violenta batida de uma alma indomável.

Caboclo dengoso, torna-se flauta quando vê crianças, flores e passarinhos.

Caboclo romântico, no tempo de mão foi saxofone boêmio quando se inspirava nalguma impetuosa morena.

Caboclo político, tem a estridência de um clarim quando fala em comício. E se alguém lhe pisa nos calos responde com uma esparramada rajada de tarol, acimando muitas vezes o trovoar de um tambor de guerra.



Poeta inveterado (herança paterna). Ary de Lima reedita em sua residência da rua Thomé de Souza, em Maringá, a “Chácara das Magnólias”, onde nasceu. Ama as flores (herança materna) e vive cercado de jardins. Cada plantinha tem seu “pedigree”, que ele descreve como se estivesse dizendo poemas.

taque no programa “Alma do Sertão”, que Renato Murce apresentava pela Rádio Nacional do Rio.

A Rádio Brasil Central de Goiânia, também transmitiu durante longo tempo, através do programa “Luar do Sertão”, os seus poemas.

E tantas outras emissoras e tantos outros jornais espalharam por esse Brasil de Nosso Senhor a poesia gostosa do gênio paraisense. Em Maringá, na Rádio Cultura, escrevia quatro programas de uma só vez.

É ele, que já havia publicado, em prosa, o livro “Crime ou Redenção”, editou “Sol Poente”, reunindo seus primeiros poemas. Pouco depois, premiado no programa “Alma do Sertão”, ganhou da Editora “A Noite”, do Rio de Janeiro, a edição de mais uma obra sua — “E o sertão ressuscitou”.

Não é muito de poesia moderna, mas faz os seus versos em qualquer estilo, sabendo-se bem em todos eles. Últimamente tem escrito poemas de profundo sentido humanístico. São trabalhos de alto valor literário e de primoroso conteúdo filosófico resultan-

ARY DE LIMA:

Lider que se reencontra

de do amadurecimento de seu espírito e da enorme experiência adquirida em cinquenta anos de vida agitada. Esses versos estão enfiados num volume inédito — "Crepúsculos e Alvoradas" — que Ary de Lima publicará brevemente.

— Será o meu canto de cisne.

O MESTRE — Professor desde os 18 anos de idade, nunca mais deixou de ensinar e é hoje um dos mais eficientes professores de Português em Maringá, com uma cadeira no Colégio Estadual Gastão Vidigal.

O curioso, entretanto, é que Ary de Lima tem um estilo muito original para dar suas aulas. Ensina sem cansar o aluno, porque tempera as lições de gramática e literatura com evoluções de espírito muito simpáticas e alegres. Não é, exatamente, um gramático. Prefere colocar em evidência a beleza do idioma e provocar no aluno o entusiasmo pela arte literária. Tem-se a impressão de que, intimamente, está mandando às fadas o mecanismo insípido da análise sintática e desejando que seus discípulos encontrem de lado as definições da palavra, para colocar no lugar dessas definições o verdadeiro sentido da palavra.

— De nada vale saber que *lua* é substantivo, quando o que importa é experimentar o efeito que essa palavra *lua* exerce em nossa alma.

Cada aluno é um amigo e um admirador. Toda aula é uma festa. E Ary revela o segredo:

A primeira preocupação do professor deve ser a de conquistar a simpatia da classe. Feito isso, vai tudo muito bem.

GLOSTORA — Há um episódio muito interessante na vida de nosso poeta e que não poderíamos omitir nesta reportagem. Foi ainda em Minas Gerais, numa reunião de bancários, em Belo Horizonte, quando Ary de Lima, durante um discurso a todo instante interrompido por delirantes aplausos, disse:

— Os bancários levam uma vida tão miserável que não têm o direito nem de comprar glostora para usar nos cabelos.

Ele, que nessa época era funcionário de banco e um dos líderes da classe em Minas, ficou batizado como "Ary Glostora". E recebeu, da fábrica desse produto, uma caixa de glostora, que veio garantir a elegância de seu penteado durante muito tempo.

O SUPERSTICIOSO — Vale a pena conversar com esse homem sobre assuntos sobrenaturais.

— Alma penada? Ora se existe!

Garante que já teve contato com diversas almas penadas, que já conversou com assombração e conta histórias de arrepiar os cabelos. Um dia faremos outra reportagem só para repetir essas histórias.

Ary é apegado às tradições, acredita em "benção" e tem mania de obedecer à lua, "que influi mesmo nessa questão de plantas e peixes".

O PESCADOR — Desde pequeno, seu entretenimento principal tem sido a caça e a pesca. No tempo de menino, caçava até as galinhas-de-angólas dos vizinhos, quando não tinha outro alvo para sua espingarda.

E ainda hoje, com 50 anos, ninguém o encontra na cidade, nos fins de semana. Tem um grupo de pescadores e vai para os riachos próximos lançar os seus infalíveis anzóis. Para mexer com os adversários políticos, afirma que se está especializando em pescar "lambaris".

O POLITICO — Ary de Lima, autor do Hino à Maringá, considerado por Lei 125-60 "Cidadão Maringaense", o vereador que, sem trabalhar muito, conseguiu bater o recorde nas últimas eleições em Maringá, não começou de hoje a fazer política. Briguento e xingão, entrou na UDN de Minas quando caiu a ditadura e foi candidato a deputado por São Sebastião do Paraíso. Teve quatro mil seiscientos e não sei quantos votos, derrotou políticos milionários (ele lutou sem dinheiro), falou o diabo contra a ditadura, mas não pôde, por questões de legenda, ser eleito. Ficou primeiro suplente e seu nome anou famoso na imprensa mineira.

Vindo para Maringá, distraído com muitas ocupações, vendo os filhos crescerem, grandes responsabilidades a enfrentar, decidiu recolher seu espírito político, vindo a começar tudo de novo agora que os filhos estão independentes e sua vida quase mansa, pelo menos sem grandes problemas financeiros.

Recomeçou melhor do que ele próprio esperava. Foi a voz mais discutida durante a campanha. Abriu baterias contra João Paulino. Elegeu-se folgadoamente. É o líder de sua bancada na nova Câmara e os amigos já o lançaram candidato a deputado estadual, pela UDN.

— E o senhor vai para essa, meatre?

— Uá! Como bom mineiro, dou um boi para não entrar na luta, mas depois que estou nela dou uma bolada para não sair.



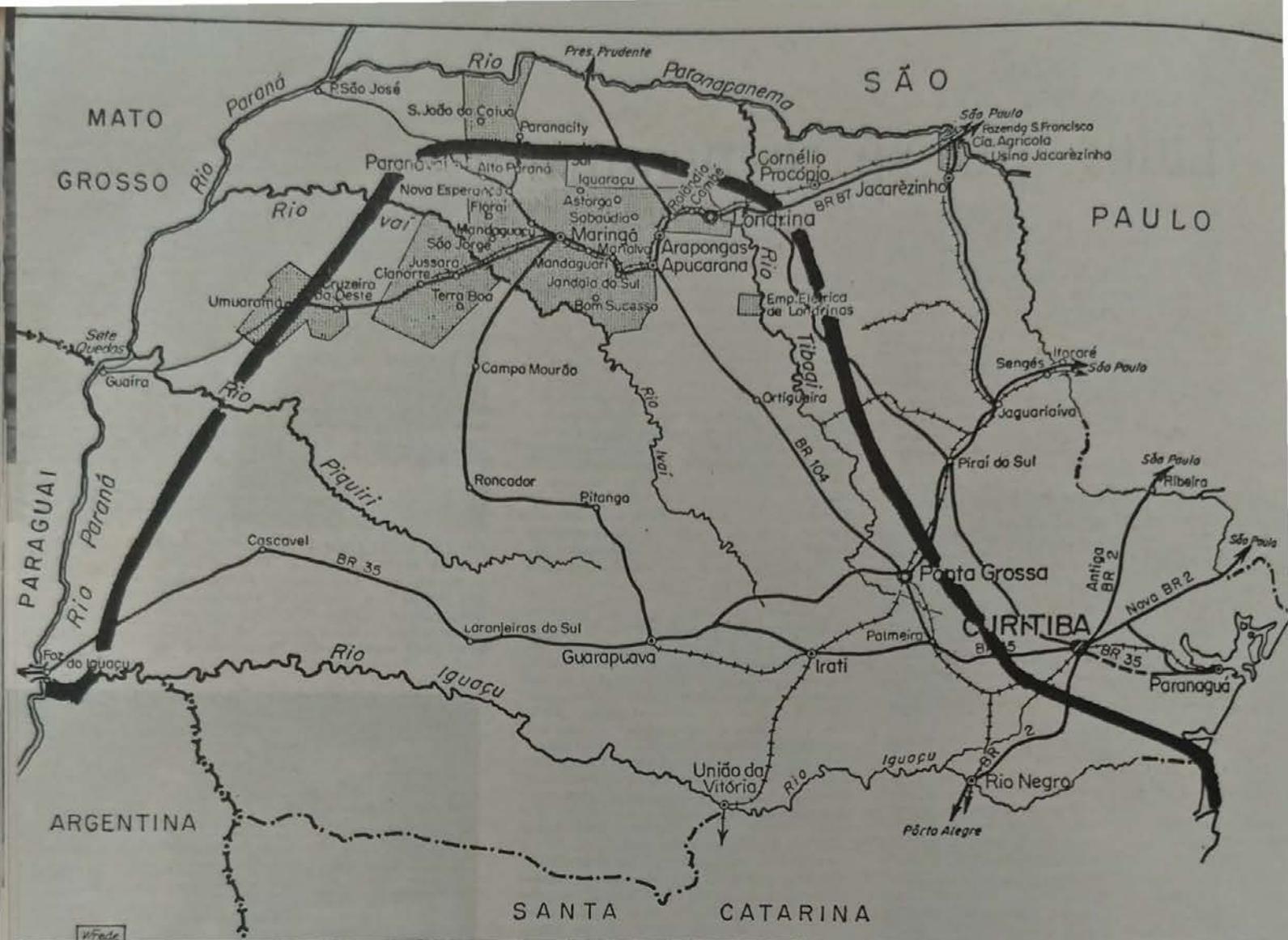
CHICO MINEIRO — A casa do poeta é uma festa de poesia, com o corre-corre de seus netinhos, a sublimidade das flores e a constante algazarra da passarada. "Chico Mineiro", pássaro-prêto muito sem-vergonha, salta do poleiro para que Ary lhe faça café no topete.



"A poesia é a linguagem universal dos corações", diz o grande Ary. E parece que o "louro" entende disso também e lhe faz, ao pé-do-ouvido, um cochicho lírico mais ou menos importante. É o que se percebe lendo os olhos do poeta.

MUSICOTERAPIA — "Que beleza ouvir Straus depois de uma campanha política em que ouvimos tanto xingamento!" E soltando esse desabafo, aperta o botão de volume, porque "a música deve ser calibrada num tom determinado pela alma".





O mapa mostra a rota seguida por Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, na viagem da Ilha de São Francisco até Assunção.

VIAGENS

E CONHECIMENTO

HISTÓRICO

O DESCOBRIMENTO DO NORTE DO PARANÁ

Por Eugênio LARIONOFF

A medida que tenho viajado pela América do Sul, proporcionalmente tem crescido minha curiosidade intelectual pelo passado histórico deste imenso Continente. Não tenho sido decepcionado. Ao contrário, tenho ficado constantemente empolgado com os episódios fantásticos e românticos, mas ao mesmo tempo reais, das grandes civilizações que precederam as conquistas, como as dos Incas e dos Aztecas, e outras, anteriores a elas, e que durante milênios floresciam nas costas do Pacífico. É mister longamente parar em frente à Porta do Sol em Tiahuanaco para meditar sobre a fascinante história destes povos, cujos templos e cidades em ruínas com seus ricos achados arqueológicos, bem atestam o desenvolvimento de sua cultura hehollítica, que pode ser comparada à do antigo Egito. Mais ainda é fascinante a história da Conquista, destacando-se a do México e do Peru. Nem menos o é a história dos descobrimentos, entre os quais o mais fantástico e o mais incrível foi o do rio Amazonas, por Gonzalo Pizarro e da primeira navegação feita no "Rio Mar", por Francisco de Orellana. Quanto à história mais recente, basta visitar os campos de batalha no Paraguai para sentir toda a sua intensidade dramática, comparando seus episódios com os das guerras pérsicas da Grécia antiga.

PIONEIROS

O território que hoje é ocupado pelo Estado do Paraná, também teve episódios no seu descobrimento, onde aparecem conquistadores do mesmo pulso de ferro daqueles que nos começos do século XVI cobriram-se de glória, conquistando para as Coroas de Portugal e Espanha os imensos territórios do Novo Mundo.

O primeiro descobridor do território, que hoje é o Estado do Paraná, e das cataratas da Foz do Iguacu foi o português, Aleixo Garcia. Esta figura lendária, por seus feitos, em nada é inferior aos mais audazes e românticos cavalheiros de Castilha, que buscavam riquezas, aventuras e glórias nas terras Americanas. Aleixo Garcia faz parte do séquito de Juan Díaz de Solís, que em três caravelas navega da Espanha para a América do Sul, descobrindo, em vésperas do ano novo de 1516, a baía da Guanabara, a qual ele nomeia Rio de Janeiro, pensando ter descoberto o estuário de um grande rio. Navega mais para o sul e descobre outro estuário, porém imenso e de águas barrentas, que hoje se chama Rio da Prata. Nas costas do Uruguai de hoje, este famoso navegador e descobridor encontra a morte nas mãos dos índios Chardá, que comem-no. Após a morte de Solís, dois navios retornam à Espanha, porém o terceiro, onde está o português, Aleixo Garcia, sobra nas costas da Ilha de Santa Catarina, no local em que hoje se situa a cidade de Florianópolis. Salvam-se ele e mais 17 tripulantes, que passam a residir nesta ilha, onde Aleixo aprende a língua Guarani.

DO LITORAL AO IMPÉRIO DOS INCAS

Começa, agora, uma das mais audazes aventuras da Conquista e do Descobrimento. Em 1524, com alguns poucos companheiros, Aleixo penetra no território desconhecido, que hoje é o Estado do Paraná, e indo sempre para o Oeste, descobre as cataratas da Foz do Iguacu. Desta maneira, pela primeira vez, neste ambiente majestoso de grandes quedas de água, que levantam para o céu sua espuma branca e provocam tremores nas terras adjacentes, surge um homem branco vindo das terras longínquas do além mar. Aleixo cruza o caudaloso rio Paraná e se embrenha no território de terra roxa e de vegetação exuberante, que hoje se chama Paraguai, indo até o rio do mesmo nome, mais ou menos perto do lugar onde atualmente se acha a cidade de Assunção. Ali ele concebe o audacioso plano de invadir o grande Império dos Incas, para se apoderar do ouro e da prata, que revestem as suas cidades. Para este fim consegue a ajuda de 2.000 guerreiros Guarani e com este exército atravessa todo o Chaco, alcança os Andes e saqueia as cidades que encontra no seu caminho. Tudo isto tem lugar antes que Francisco Pizarro tenha aportado nas costas do Peru. Huayna Cápac, o Imperador dos Incas, com seu poderoso exército enfrenta os invasores e o faz retroceder. Já Aleixo Garcia

tem em seu poder um tesouro em ouro e prata tomado aos Incas. Resolve regressar. Porém a morte o espera no inóspito Chaco. É assassinado pelos seus próprios aliados índios e o paradeiro do seu tesouro passa a constituir um mistério e um tema para especulações nos séculos vindouros.

A VEZ DO NORTE DO PARANÁ

Passam uns 15 anos e chega a vez do norte do Paraná ser descoberto. Outro feito empolgante! No dia 2 de novembro de 1540 deixa a Espanha uma expedição de 5 caravelas com 400 homens bem armados e 46 cavalos, comandados por Alvar Núñez Cabeza de Vaca, já notável por suas façanhas na Flórida, no Texas e no México. Ao cabo de 5 meses de navegação, duração comum para aquela época, chegam à Ilha de Santa Catarina, no dia 29 de março de 1541. Aqui a expedição se divide. 140 homens seguem com as caravelas para o Rio da Prata e Assunção, enquanto Alvar Núñez Cabeza de Vaca com 250 homens e 26 cavalos empreende a grande viagem, a pé, para Assunção, no dia 2 de novembro de 1541. Ele não deseja seguir a rota de Aleixo Garcia para Assunção. Prefere trilhar os caminhos conhecidos pelos índios durante séculos, ou talvez milênios até descobrir o norte do atual Estado do Paraná. Para tal fim desembarca na costa do continente, no lugar de Joinville de hoje, e segue para as nascentes do rio Iguacu, às quais chega depois de 27 dias de marcha. Ali se encontra com um índio chamado Miguel, o qual se prontifica a guiá-lo até Assunção.

Assim Cabeza de Vaca com seus 250 homens se embrenha nas intermináveis matas virgens, na época de maior calor e das grandes chuvas, enfrentando o ambiente hostil da natureza desta região. O tratamento humano e amigável que ele dispensa aos índios faz com que os espanhóis sejam recebidos como amigos em cada aldeia e fartamente alimentados. Ele anexa as terras descobertas à Coroa da Espanha, mas não fala nada aos índios a este respeito, para não despertar medo e animosidade. Cura-os das enfermidades, e a sua fama com curandeiro e como um homem da palavra inquebrantável, corre célere entre os índios adiantes. Certa vez não encontram meios para obter alimentos, encontram, porém, um enxame de grossas lagartas, as quais comem, fritando-as em sua própria gordura.

FIM DA GRANDE AVENTURA

E' preciso dar asas à imaginação para vê-los caminhar por picadas através das frondosas matas que totalmente cobrem as terras de hoje chamado Norte do Paraná. Poucos raios do sol conseguem atravessar a densa folhagem dos gigantes arvoredos, onde a atmosfera é quente e impregnada de humidade, e o silêncio é total, salvo o zumbido de insetos e os sons ocasionais de sua rica fauna. Eles caminham sempre. Os cavalheiros envergam suas peças de armadura, os arcabuzeiros e besteiros vestem "escaupil"; todos tem à cintura as incomparáveis espadas de fino aço da Castilha. Atravessam o rio Tibagi, seguem pelo vale do Ivaí, atravessam o rio deste nome, e descem para o rio Piquiri. Finalmente atingem o rio Paraná, a 25° latitude sul, onde encontram prósperas aldeias de índios, os quais cultivam terra e possuem aves e animais domesticados. Descansam por algum tempo nestas terras de abundância, que lhes parecem um verdadeiro paraíso, e depois prosseguem a sua marcha para as Cataratas da Foz do Iguacu. No rio Paraná, no ponto onde hoje está a cidade de Foz do Iguacu, encontram os guerreiros Guarani, pintados para guerra e reunidos para barrar-lhes a passagem através do rio. Porém o profundo conhecimento por Cabeza de Vaca, da mentalidade dos índios, e a fama de um homem de bem que o precede, evitam, no último momento, a luta feroz entre os Espanhóis e os Guarani, e por meio de negociação ele e seus homens conseguem atravessar em balsas e canoas o caudaloso rio.

No dia 9 de Março de 1542, Alvar Núñez Cabeza de Vaca e seus companheiros entram em Assunção no meio de muito regosio da população pelo término feliz desta memorável jornada.



Gráfica
Bandeirante

Impressos a Côres - Copiativos e Carbonados
Fábrica de Carimbos de Borracha
Serviços em Alto Relêvo

Avenida São Paulo, 367 — Caixa Postal, 924
Telefone: 1021 — Maringá - Paraná



AQUI O COMEÇO — E do começo partirá a marcha progressista na direção do infinito. As crianças que brincam agora nas ruas descalças de Castelo Branco formam a primeira geração genuinamente local. Dentro de mais alguns anos, essas ruas serão cobertas de asfalto, haverá escolas, muita energia elétrica, indústria, comércio. Castelo Branco, como todas as suas companheiras do norte do Paraná, será uma grande cidade representando permanente convite ao homem que deseja trabalhar e vencer. Aqui começa o futuro. E o futuro há-de ser esplendoroso.

Castelo Branco já é nome de Município no Paraná

QUINZE MIL pessoas vivem hoje numa área de nove quilômetros quadrados que formam o município de Castelo Branco, a mais jovem comunidade municipal brasileira.

Lucídio Bandeira Chaves, serventário de Justiça, foi o semeador da idéia, que o deputado Miran Pirih levou à Assembleia Legislativa, conseguindo rápida aprovação.

No dia 15 de dezembro de 1964, o governador Ney Braga assinava a lei que transformava a então vila de Iroí em sede do município de Castelo Branco, desmembrado dos municípios de Nova Esperança, São Jorge, Florai e Mandaguáçu.

A primeira vista, a cidade nos dá a impressão de que seja apenas uma parada de ônibus. No entanto, gira ali dentro dinheiro grosso, resultante da grande produção agrícola que emoldura

o pequeno povoado. E foi justamente com base nessa riqueza que os líderes do movimento emancipacionista se inspiraram e conseguiram criar um novo município no norte do Paraná.

Ocorre ainda que o povo ali é de um bairrismo empolgante e todas as famílias estão dispostas a colaborar na organização da cidade, a fim de que, dentro de muito pouco tempo, Castelo Branco seja um conjunto urbano à altura de seu nome.

Esta Revista, que tem a honra de ser a primeira a mostrar ao Brasil a jovem cidade paranaense, esteve em Castelo Branco no dia 16 de dezembro e assistiu às comemorações pela criação do município. Foi uma festa bonita e bastante significativa e esta reportagem tem o sentido de marcar o primeiro capítulo da História dessa simpática e hospitaleira comunidade.



MIRAN PIRIH — deputado pela região de Nova Esperança, foi quem paralisou a aprovação do projeto que criou o novo município. O deputado compareceu à festa do dia 16 e recebeu muitos abraços do povo agradecido. Aliás, o sr. Miran Pirih não descuida de sua região, estando sempre garantindo assistência objetiva a todas as cidades de seu comando político.



TRES APOIOS — O vereador Lucídio Bandeira Chaves; o Dr. Haroldo Costa Pinto, Juiz de Direito da Comarca de Nova Esperança; e o prefeito Pedro Artur Sampaio, também de Nova Esperança, constituem os três apoios básicos para o desenvolvimento da jovem comunidade, que precisa de um impulso entusiástico em seus primeiros passos de município autônomo.



O CASAL PIONEIRO — Lucídio Bandeira Chaves e sua esposa D. Teresinha foram os lançadores da idéia de emancipação de Iroí, para criação do município Castelo Branco. O casal lutou com entusiasmo até a vitória. Lucídio é serventário da Justiça e foi eleito vereador por aquele distrito, que pertencia à Nova Esperança, de cuja Câmara Municipal é ele, Lucídio, o atual presidente. É voz comum que sua eleição para primeiro prefeito de Castelo Branco é líquida e certa.



ESCOLA É META — As famílias residentes em Castelo Branco têm seus filhos estudando nas cidades vizinhas. Querem, porém, criar um ginásio próprio e já está sendo organizado um movimento no qual todo o povo irá colaborar, a fim de criar imediatamente o ginásio. Tudo ali funciona na base do "querer é poder".

EM LONDRINA



O SEU
QUARTO
FORA
DE CASA



ALVES HOTEL

Irmãos Coninck Ltda.

Avenida São Paulo, 155
(esq. Sergipe) — Telefones 262 e 945 - Réde interna
Caixa Postal 427 — LONDRINA - Pr.



O prefeito Luiz de Carvalho dispõe-se a continuar a obra de seu antecessor e tem um programa pessoal de governo voltado principalmente para os setores de educação e assistência. Pretende dar característica profundamente humana ao seu mandato. Não pertence ao PDC mas é considerado o mais autêntico democrata-cristão de Maringá.

MARINGÁ INICIA 1965 COM NOVOS DIRIGENTES

Dos 72 municípios que escolheram seus novos governantes em 6 de dezembro, Maringá é considerado o mais importante e foi justamente onde a campanha se desenrolou com maior vibração, numa luta em que a UDN enfrentou todos os partidos e perdeu a eleição.

LUÍZ DE CARVALHO, médico, vereador por duas vezes consecutivas, é o novo prefeito de Maringá. Mineiro de temperamento bem mineiro, homem sério e metódico, poderá destacar-se como exemplo de moralidade na administração pública e realizar uma obra respeitável. A população maringãense está certa de que escolheu bem seu novo chefe de Executivo.

VICTOR IVO ASSMANN, comerciante, ex-secretário de Viação do município, é o vice-prefeito, dispondo-se a cooperar permanentemente na direção das obras locais. É homem de impressionante dinamismo e em condições de conquistar prestígio no exercício de seu cargo.

O PODER LEGISLATIVO, culturalmente, baixou de padrão, comparando-se à Câmara anterior, onde havia vários médicos, advogados e outros elementos de larga experiência. Há, porém, uma opinião generalizada de que os novos vereadores formarão um conjunto mais ou menos harmonioso, sem rivalidades entre as bancadas e isso poderá ser útil à administração municipal. Entre os novos edis, existem alguns de comprovada capacidade, como o professor Ary de Lima, líder da UDN; o professor Renato Bernardi, líder do PDC; o sr. Paulo Vieira de Camargo, presidente da Casa; o sr. Silvio Barros, líder do PTB; e outros que, de uma forma ou de outra, poderão revelar-se.



A experiência do vice-prefeito Ivo Assmann será aproveitada no setor de obras públicas. Nesse sentido, tem ele um plano bastante ousado e bem organizado, que, se cumprido integralmente, dará uma aparência completamente nova à cidade de Maringá.

A Câmara de vereadores tem cinco representantes do PDC, 4 do PSD, 3 da UDN, 2 do PTB e 1 do MTR. Pelo menos 11 edis constituem, atualmente, o esquema situacionista, contra 4 (UDN-MTR) da oposição. Não sabe, entretanto, até quando o prefeito Luiz de Carvalho contará com essa maioria esmagadora, porquanto futuros acontecimentos políticos poderão dar sentido novo às diversas bancadas, alterando todo o esquema. O prof. Ary de Lima, líder da oposição, embora amigo particular de Luiz de Carvalho, é considerado como homem-chave para o equilíbrio entre Legislativo e Executivo, uma vez que funcionará na base da "eterna vigilância". Ary conhece profundamente a legislação municipal e é orador de impressionantes recursos.



UMA ORGANIZAÇÃO
PIONEIRA
SERVINDO O NORTE DO PARANÁ

MATRIZ:
MARINGÁ

FILIAIS:
MARINGÁ, LONDRINA, CIANOR-
TE, CRUZEIRO D'OESTE, PARA-
NAÍ, (duas) MANDAGUARÍ e
NOVA ESPERANÇA

DROGARIA
MORIFARMA Ltda

AGORA
TAMBÉM EM
LONDRINA

Enlace Athos Ricardo dos Santos e Dagmar Fernandes de Souza



Destacou-se, entre os acontecimentos sociais de 1964 em Maringá, o casamento do sr. Athos Ricardo dos Santos, funcionário da Caixa Econômica Federal do Paraná com a senhorita Dagmar Fernandes de Souza, da sociedade maringáense. Testemunharam o ato civil, por parte do noivo o dr. Nerico da Silva e a sra. Nair da Silva, e por parte da noiva o sr. Dirceu Fernandes de Souza e a sra. Myrthes Fernandes de Souza.



O CASAMENTO DA CAPA

Prestando justa homenagem a um de seus mais antigos e eficientes colaboradores, NP registra o enlace matrimonial de Antônio Petrachini, chefe de impressão da Gráfica Sangirard, de SP, com a senhorita Estelita do Prado Rodrigues, de conceituada família de Belo Horizonte, MG. Testemunharam a cerimônia civil (foto) José Heitor e Neuza Petrachini, e a religiosa, na Igreja Menino Jesus do Tucuruvi, em São Paulo, Waldemir Gouvêa e Vera Lucia Petrachini.

BOMBAS A PISTÃO



GERA

Bombas Hidráulicas para poços rasos e profundos. Manuais, Elétricas e conjugadas com motores a gasolina, equipadas com pistão simples e pistão de duplo efeito, patenteado sob n° 26.686.

HANS SCHMIDT & FILHO LTDA.

Rua Brigadeiro Machado, 243 — Telefone: 93-5095
SÃO PAULO



ELUCIDARIO — É o próprio Reynaldo quem nos explica a significação do Brasão de Maringá:

— O escudo português lembra a origem lusitana de nossa Patria; a estrela de ouro é uma homenagem à

Cia. Melhoramentos Norte do Paraná, fundadora do Município; a lira em ouro, símbolo da música, fixa a origem do nome de Maringá, inspirado na canção de Joubert de Carvalho; o machado em prata imortaliza o valor dos pioneiros que abriram na mata virgem a área onde se levantou a cidade; o Cruzeiro do Sul, em prata, demonstra a vocação cristã e o espírito de brasilidade do povo maringaense; as datas de 1947 e 1952 distinguem a primeira, o ano de fundação e a segunda, o ano da emancipação do Município; a haste de café representa a riqueza pioneira e a de trigo indica a riqueza futura; encimando o conjunto, como peça máxima, a coroa mural de cinco torres, em prata, que é símbolo de cidade. Aparecem no Brasão os seguintes metais e esmaltes: Ouro — força; Prata — candura, paz; Vermelho (goles) — intrepidez; Preto (sable) — sabedoria.

INDÚSTRIA DE BEBIDAS OURO VERDE S. A.

FABRICANTES E DEPOSITÁRIOS DE BEBIDAS EM GERAL

Fabricação própria:

Guaraná «Ouro Verde» - Soda «Ouro Verde» - Sodinha «Ouro Verde» - Xarope Cacaú - Xarope Capilé - Fernet Quinado - F. E. E. F. - Vermouth Malhinhã - Batida de Amendoim - Vinagre

Depositários:

Cervejas «Londrinas» e «Caracus» - Coca-Cola - Vinhos «Tintos» - Conhaque São João da Barra - Vermouth Martini

Engarrafadores:

«Caninha Leãozinho» - «Borboletinhas» - «Rel de Ouro» - Vinho «Casa Grandes»

AV. MAUÁ, 1372 - FONE, 1237 - CX. POSTAL, 814
MARINGÁ — EST. DO PARANÁ



Há cerca de um ano, Reynaldo Costa, mineiro que reside há mais ou menos dez anos em Maringá, viajou para o Rio de Janeiro em companhia da reportagem desta revista

— Vou mostrar um trabalho ao prof. Alberto Lima, heraldista do Ministério da Guerra.

— Que trabalho?

— O Brasão de Armas do Município de Maringá.

Assim começava a história de um Brasão. Reynaldo estava tímido, mas entusiasmado. Achava que Maringá fizera a felicidade de sua família e queria dar, de sua parte, uma contribuição à cidade. Inventou que seria o autor do Brasão de Armas do Município. O prof. Alberto Lima — nós testemunhamos a entrevista — aplaudiu o trabalho do jovem e lhe disse que, se os juizes desse trabalho fossem justos, seria aprovado.

Na mesma época, estava sendo examinado um outro Brasão, sugerido pelo poeta paulista Guilherme de Almeida. Heráldica, porém, é coisa séria e o de Reynaldo, tambem nesse ponto, era mais perfeito. E venceu.

O grande padrinho do artista foi o vereador Heleno Borba Cortes, que se entusiasmou pelo trabalho e o patrocinou até a aprovação final, conseguindo, inclusive, que a Câmara votasse um prêmio no valor de 300 mil cruzeiros como estímulo ao artista.

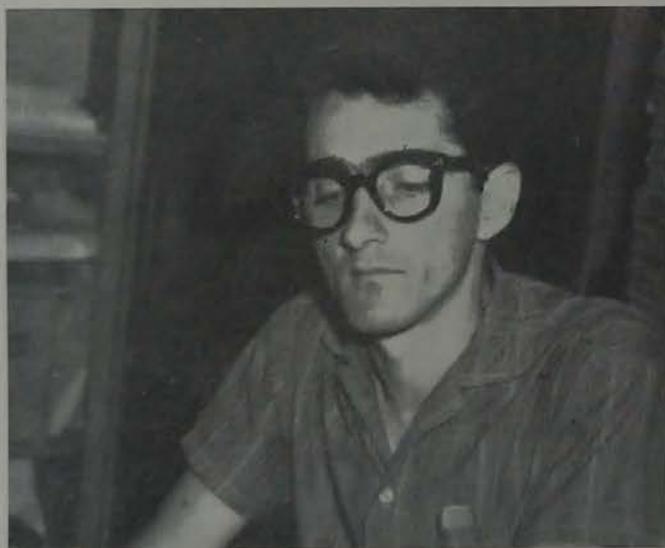
ão de Maringá: ão de Reynaldo

BANDEIRA TAMBÉM

Reynaldo Costa criou, ao mesmo tempo, a Bandeira de Maringá, outra peça de grande valor artístico. Tanto a Bandeira como o Brasão já foram considerados símbolos oficiais do Município e deverão ser tidos e respeitados como tal.

DETALHE CURIOSO

Maringá possui, atualmente, três símbolos oficiais: o Hino, a Bandeira e o Brasão. Ocorre que o autor da letra do Hino é o professor Ary de Lima, que nasceu em São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais. Pois Reynaldo Costa, autor dos outros dois símbolos, nasceu na mesma cidade. Vieram ambos do mesmo berço para entrar na História de Maringá.



QUEM É REYNALDO — Moço humilde, que exerce a profissão de gráfico e que, nas horas vagas, faz desenhos maravilhosos. Temperamento introvertido, meio zangado, sistemático. Homem de não muitos amigos, porque raras pessoas conseguem entendê-lo. Tem tôdas as características de gênio, sendo, inclusive, impertinente e exageradamente franco. Lê muito. Ama a filosofia. Acha que Jesus Cristo foi a suprema perfeição do Homem. Admira Gandhi e Buda. Não tolera ditadores. Detesta os extremistas. Adora a liberdade. Firme de opinião, ninguém vira seus pensamentos. Se êle disser que pedra é pau, é pau mesmo e não adianta insistir. Mas Reynaldo é, antes de tudo, um moço bom, de coração sensível, que sabe ser amigo dos seus amigos. Tem seus ídolos na arte e dois deles são Francisco Goia e Alberto Lima. Dentro de mais algum tempo o Brasil ouvirá dizer de um grande artista que vive modestamente em Maringá. Reynaldo Costa está começando a aparecer agora. Esperem para ver.

Em Curitiba

PROCURE O
HOTEL
MAIS CENTRAL
DA
CAPITAL



Cacique Hotel

Piotrowsky & Cia. Ltda.

RUA TOBIAS DE MACEDO, 26 - FONE: 4-6558
(esquina da Praça Tiradentes — CURITIBA
— Paraná —

96 APARTAMENTOS MODERNOS COM TODO
CONFÔRTO — TODOS COM BANHO ANEXO.

AMBIENTE FAMILIAR — PREÇOS MÓDICOS

AOS
NOSSOS
AMIGOS E
CLIENTES

DESEJAMOS
UM FELIZ 1965

**Indústria e Comércio
CHIUCHETTA S. A.**

COMÉRCIO EM GERAL

MATRIZ:
Rua do Comércio, 575
CONCÓRDIA - S. C.

MOINHO DE TRIGO

FILIAL:
Avenida Mauá nº 1060
MARINGÁ - PR.

**CASA
VENCEDORA**

AGENTES
AUTORIZADOS
PARA O ESTADO
DO PARANÁ
DA



TRILHADEIRA AGRÍCOLA "VENCEDORA"

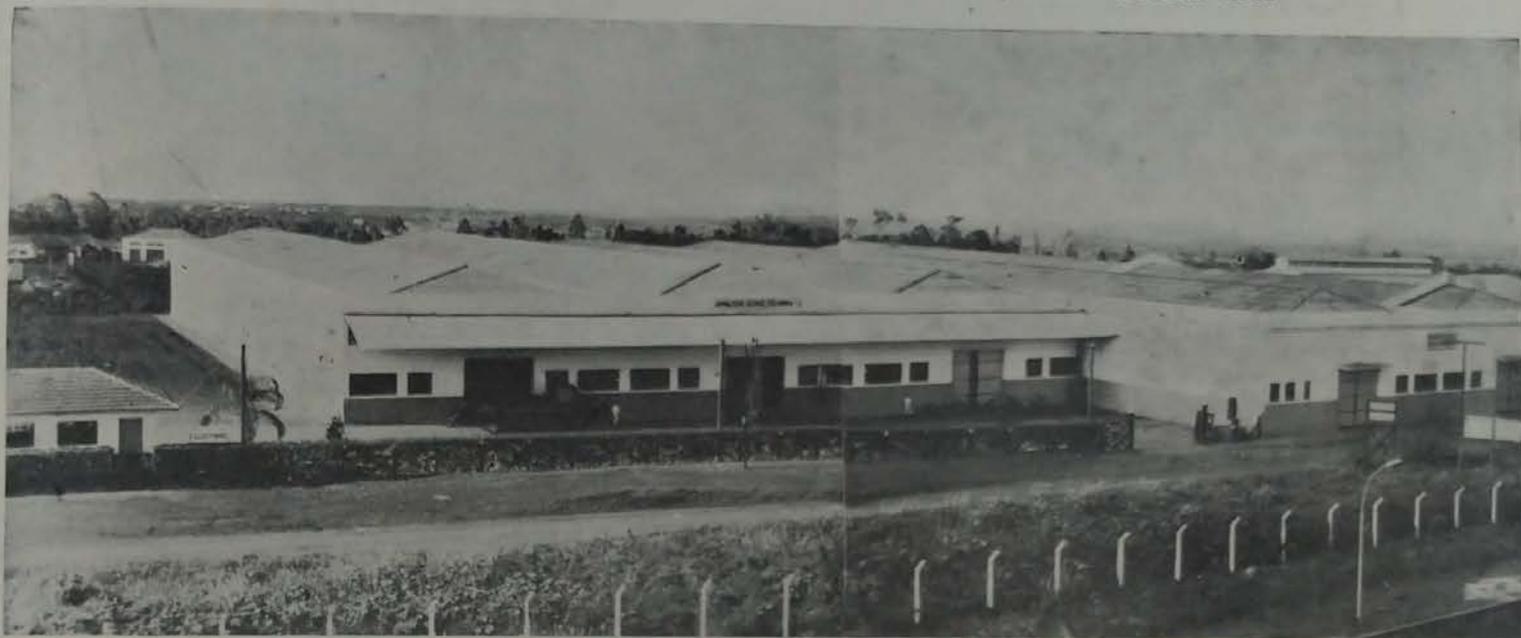
deseja aos seus clientes e
amigos um

PRÓSPERO ANO NOVO

Praça 7 de Setembro
Caixa Postal, 751
Telefones 2432 e 1502
MARINGÁ

Armazéns Gerais Columbia S. A.

DESEJA AOS AGRICULTORES E BENEFICIADORES
DE CAFÉ E ALGODÃO, UM PRÓSPERO 1965



ARMAZÉNS GERAIS COLUMBIA S. A. EM MARINGÁ

Armazéns do Paraná: Maringá: Rua Monlevad s/n° - tel. 1786 — Londrina: Av. Tiradentes, tel 918 —
Paranaguá: Av. Cel. José Lobo

ERISA

tem a grande satisfação de cumprimentar os seus clientes e amigos, desejando a todos um ANO NOVO CHEIO DE PAZ, SAÚDE E PROSPERIDADE.

ERISA

ELETRIFICAÇÃO RURAL E INDUSTRIAL S/A.

DISTRIBUIDORES:

— Telefunken — Osram — Bukh — Easa — AEG — General Eletric — Pirelli — LC Carmos
Montgomeri — Ranzi

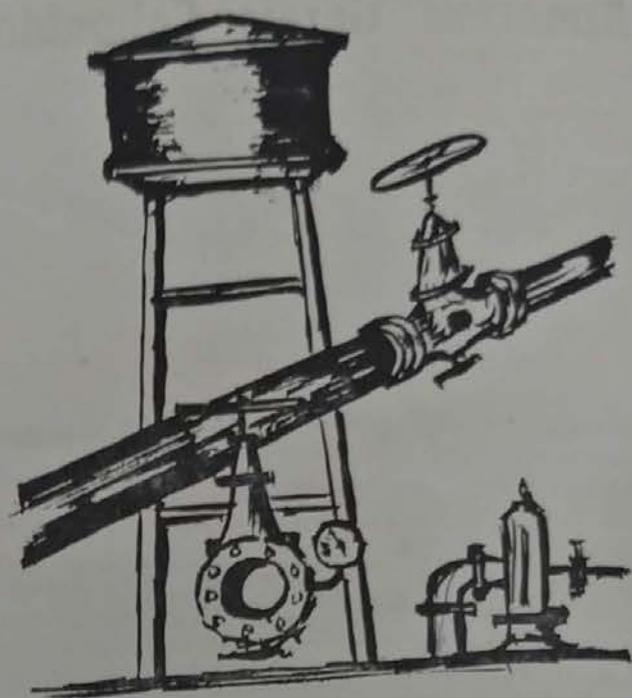
Instalações elétricas, prediais, industriais, rêsdes, montagem de motores, transformadores, turbinas, usinas, etc. Transformadores, geradores, motores elétricos, a óleo e gasolina, bombas, materiais elétricos em geral.

ESTUDOS — PROJETOS — EXECUÇÃO

Assistência técnica de engenheiros especializados

Avenida Brasil, 4476 - Telefone: 1857 - Caixa Postal, 334 — MARINGÁ — Est. do Paraná

Política
de Ação
da
Sanepar:



Saneamento Básico do Estado

Entre outros problemas, de importância fundamental para a grande coletividade paranaense, que vêm absorvendo todos os cuidados do atual Governo do Estado, estão a destacar-se os que caracterizam o abastecimento de água e o serviço de esgotos sanitários. Através dos órgãos competentes, providências objetivas estão sendo tomadas para a integral solução desses problemas, que estão, não há dúvida, estrangulando o desenvolvimento sócio-eco-

nômico desta Unidade federativa, tendo em vista os baixos índices da população atendida por êsses serviços. Precisamente para desenvolvê-los e estendê-los, em tôda a necessária amplitude, abrangendo todos os municípios paranaenses, de forma racional e altamente eficiente, é que foram criados a SANE-PAR (Companhia de Saneamento do Paraná) e o FAE (Fundo de Água e Esgotos).

PLANO APROVADO

Está evidenciado tratar-se a SANEPAR, na espécie, de uma das entidades pioneiras do Brasil. Por intermédio do FAE, contará com aproximadamente 2 bilhões de cruzeiros, em 1965, para aplicação em benefício do povo paranaense, nos setores de abastecimento de água e esgotos sanitários. O Conselho de Administração da SANEPAR aprovou, após minuciosos estudos, a nova Política de Ação a ser adotada pela administradora do FAE, objetivando implantar no Estado um sistema efetivo de amparo às comunidades, no âmbito dos serviços de água e esgotos, principalmente àquelas cujas autoridades municipais se responsabilizem pelos empreendimentos que anteriormente estavam sujeitos a influências de ordem meramente político-partidária.

Dentro dessa Política de Ação, a SANEPAR orientará os municípios no sentido da criação de Companhia Mista local ou Autarquia Municipal, com a finalidade de executar, conservar e explorar os serviços de água potável e esgotos sanitários. A essas entidades a SANEPAR prestará toda a assistência necessária. A todos os municípios, a Companhia de Saneamento do Paraná já está encaminhando as normas orientadoras para que se faça o imprescindível enquadramento na nova Política de Ação, a fim de que todas as comunidades possam receber assistência técnica, administrativa e financeira.

Com a adoção dessa nova Política, libertou-se a SANEPAR do que muito havia de rigidez e formalismo, o que se verificava em orientações anteriores, sob a responsabilidade exclusiva do Departamento de Água e Esgotos, com atuação predominantemente paternalista, condenada pelo que caracterizava a inocuidade dos resultados obtidos.

De fato, com a condenação da orientação anterior, exclusivamente a cargo do DAE, foram instituídos à SANEPAR e o FAE, com o objetivo fundamental de propiciar a multiplicação dos serviços públicos de abastecimento de água e esgotos sanitários, sob a responsabilidade direta das próprias municipalidades e sem outras injunções que não aquelas ditadas pelo interesse da coletividade e dos princípios técnico-econômicos, sob os quais devem

ser desenvolvidas as soluções desses problemas.

Considerando-se, pois, os obstáculos para a solução racional desses problemas, tais como, entre outros: a) rentabilidade insuficiente (total responsabilidade do Estado nas obras a seu cargo), impedindo uma ação mais ampla, de maior cunho social, operação, custeio, tudo através da Fazenda Estadual; b) dificuldades para uma nova conscientização do problema por parte dos municípios, mesmo do Estado e, muito mais, por parte dos usuários, os quais não compreendem devem ser auto-suficientes os serviços públicos; c) a impossibilidade de alguns municípios e a dificuldade de outros em se estruturarem e organizarem de forma adequada para, em curto prazo, poderem assumir, em toda plenitude, os encargos que são requeridos para a implantação e a exploração dos serviços de abastecimento de água e esgotos sanitários, — tendo em vista tudo isso, é que se impôs, com a SANEPAR e o FAE, a instituição dessa nova Política de Ação, nesse importante setor de serviços públicos.

EQUACIONAMENTO E SOLUÇÃO

Não deve, pois, a SANEPAR assumir nenhum encargo, com as características anteriores, que, por qualquer forma, venha dar ao Governo do Estado a responsabilidade maior pela solução do problema. Não é possível continuar, em hipótese alguma, a operação e manutenção de serviços deficitários, sobre o que dispositivos legais já autorizam a cobrança da tarifa justa, quer pelo DAE, quer pela SANEPAR.

De outra parte, sabe-se que todos os municípios podem, pelo menos, dispor de leis que lhes permitam, direta ou indiretamente, contar com organizações adequadas dispendo de recursos próprios para a implantação e exploração dos seus serviços de abastecimento de água.

E' justa e tem apoio legal, ao mesmo tempo, a participação dos usuários em todas as obras e serviços públicos dos quais resultem a valorização das propriedades e o bem-estar da população.

NORMAS

Essa Política de Ação conjunta Estado-Município, através do DAE e SANEPAR, obedecerá a normas específicas. Quando se tratar de cidades em que opere o DAE, este órgão continuará operando transitóriamente, até a passagem dos encargos à responsabilidade do município. As tarifas e taxas de água e esgotos serão cobradas pelo DAE de acordo com a Lei nº 4.905, de 13-8-64, que estabelece normas para a cobrança das referidas tarifas e taxas. As obras prosseguirão somente até atingir o estágio de utilização, com financiamento da SANEPAR ao DAE. Concomitantemente, a SANEPAR e o DAE procurarão orientar os municípios para específicas iniciativas dessa Política de Ação.

ASSISTÊNCIA

A programação das obras de instalação e de ampliação de abastecimento de água e (ou) esgoto obedecerá aos seguintes critérios de prioridade: a) — menor custo das instalações, por existência de usuários potenciais; b) — maior contribuição relativa da comunidade a ser atendida, para a cobertura do custo das instalações; c) — menores prazos de carência e de amortização, relativos a financiamentos à conta do FAE. Os municípios considerados preferenciais poderão obter a assistência da SANEPAR para atualização ou execução de projetos e execução de obras. Em qualquer caso, ao município caberá obrigação financeira complementar na ordem de 50% dos investimentos necessários. E considerar-se-ão como próprios do município os recursos provenientes de subvenções e auxílios federais e outros.

ENQUADRAMENTO

Dentro, rigorosamente, dessa nova Política de Ação, a SANEPAR envidará todos os esforços no sentido de efetivar o recebimento de recursos destinados ao município e provenientes de subvenções e auxílios federais e de outros órgãos financiadores, quando o município se enquadrar nesta Política de Ação. O município que não se enquadrarem nas formalidades estabelecidas, nos prazos previstos, só poderão se habilitar para futuras programações.

Escrevo no dia 20 de dezembro de 1964. Vocês estarão lendo esta crônica, talvez, num dia de 1965. Façam marcha-à-ré, por favor, e participem da conversa de fim-de-ano que estamos agora mantendo numa roda de amigos.

Todos estão otimistas com relação ao tal «ano-que-vem», pronunciando essa expressão como se ela contivesse algo de mágico, capaz de abrir as portas da solução de todos os problemas.

Meu avô dizia que ano bissexto é azarado mas todo ano que lhe segue é ótimo. 64 foi bissexto, 65 será maravilhoso.

— Você quer dizer que depois da tempestade vem a bonança?

— Mais ou menos.

O outro ali está fazendo planos:

— No ano-que-vem, se Deus quiser, comprarei um carro zero quilômetro e desaparecerão minhas dificuldades.

— Carro subiu muito.

— Não tem importância. No ano-que-vem botarei a mão numa gaita farta.

— E você aí?

— Bem, eu pretendo casar-me no ano-que-vem. Em 64 não foi possível. Tudo indica, entretanto, que no ano-que-vem as coisas vão melhorar muito.

E diz um que tem lavoura de café:

— Puxa! tenho sofrido o diabo nestes últimos dois anos, com as conseqüências dos flagelos que caíram sobre a lavoura. Mas agora o tempo está ótimo e no ano-que-vem terei uma safra fabulosa. Já estou pensando até em construir minha casa na cidade.

Fala um político:

— Pois é... este ano dei azar, não fui eleito, mas no ano-que-vem mudarei minha técnica de conquistar eleitores e preparei terreno para tornar-me invencível.

— E o mestre aí, não diz nada?

— Digo: no ano-que-vem os professores receberão salários mais dignos e pretendo melhorar de vida. Desta vez não posso nem sair da cidade para gozar férias. Mas no ano-que-vem juntarei a família e passarei pelo menos um mês na praia.

Fala também um jornalista:

— E', rapaz... este ano foi dureza, a publicidade foi reduzida, matéria prima muito cara. Mas no ano-que-vem tem política estadual, vai correr dinheiro grosso, além disso as safras serão colossais, o comércio estará nadando em ouro... vou tirar o pé do lodo!

Nesse exato momento, o rádio transmite as declarações de um figurão do governo federal:

— As alições de 64 serão compensadas pela fartura de 65, quando o governo terá conseguido frear a inflação, controlar os preços e preparar-se para a solução definitiva dos problemas sociais. Haverá casas para o povo, escolas, assistência médica, tudo para o povo.

— Viva!

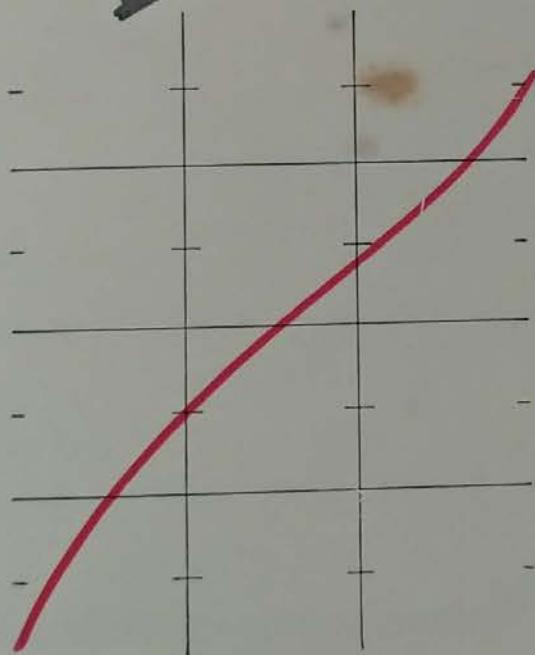
— Viva 1965! Viva o ano-que-vem! E que venha depressa, com toda a sua onda de otimismo, porque é de otimismo que precisamos nesta hora terrível da vida de cada brasileiro.

**A N O
Q U E
V E M**

COMPROVADA RESISTÊNCIA



DO CIMENTO **MARINGÁ**



Ensaio de resistência a compressão efetuados diariamente com o Cimento Portland MARINGÁ, apresentaram a seguinte média:

3 DIAS - 150 Kg/cm²
7 DIAS - 230 Kg/cm²
28 DIAS - 350 Kg/cm²

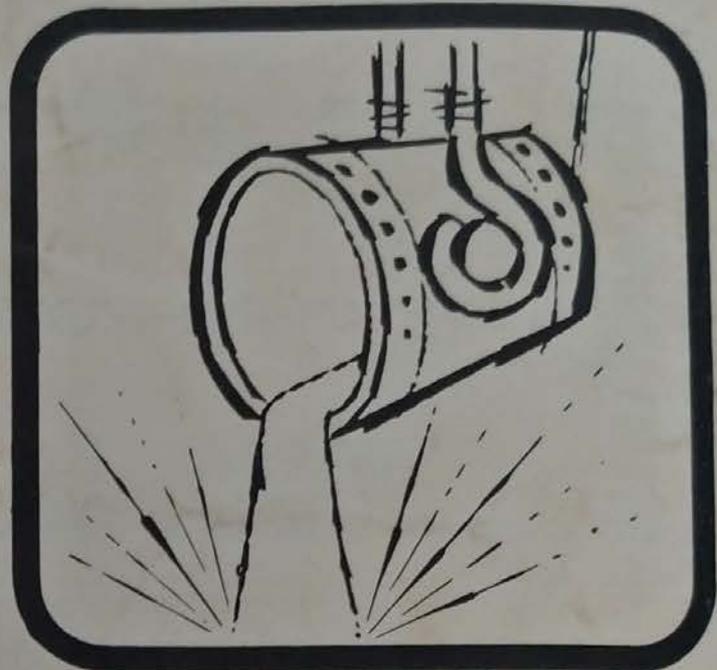
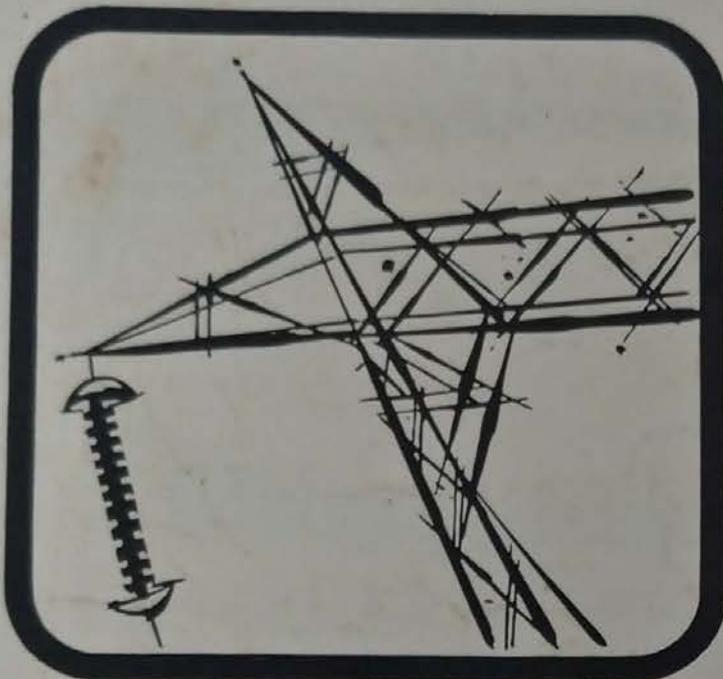
Início de pega - 2 horas e 30 min.

COMPANHIA DE CIMENTO PORTLAND

ESCRITÓRIO CENTRAL E VENDAS
RUA SÃO BENTO, 329 - 9.º
FONE: 33-3484
SÃO PAULO

FÁBRICA
ITAPEVA
FONE: 3
SÃO PAULO





QUILOWATTS QUE ASSEGURAM O PROGRESSO

De 10 mil KW em 1960, a potência instalada pela COPEL em usinas e subestações, inclusive a termelétrica de Figueira, subiu em 1963 a quase 70 mil KW. Em decorrência desse excepcional acréscimo da capacidade geradora, sua produção de energia elétrica triplicou nos últimos três anos. Por isso é que vários pontos do Estado - a Capital, Ponta Grossa, o Litoral, o Norte e o Sudoeste - estão livres de crises como as que afligem os grandes centros industriais do País.



COMPANHIA PARANAENSE DE ENERGIA ELÉTRICA

Serviços de Luz e Fôrça em Antonina, Apucarana (Cambira), Astorga, Campo Mourão, Guaratuba, Jaguapitã, Jandaia do Sul, Loanda, Mandaguacu, Mandaguari, Marialva, Maringá, Matinhos (Caiobá), Morretes, Paranaguá, Pato Branco, Rio Branco do Sul (Almirante Tamandaré), Sabáudia, Santa Isabel do Ivaí. Fornecimento de energia em grosso a Alto Paraná, Nova Esperança, Paranavai, Peabiru e ao sistema de Curitiba.